

III Jornada de Cartéis e Intercâmbio da Seção Nordeste EBP-NE

ENTRE O MÚLTIPLO E O UM: O CARTEL NA ESCOLA

Convidado:

Bernardo Carneiro (EBP/AMP)
Diretor de Cartéis e Intercâmbio da Seção Minas Gerais



Karynna Nóbrega (EBP/AMP)
Coordenadora Geral da III Jornada de Cartéis
Margarida Assad (EBP/AMP)
Diretora Geral da Seção Nordeste

Grupo de trabalho:
Ana Ocicleide, Ísis Maurício,
Marina Fragoso (NPJ) e
José Augusto Rocha (NPJ)

04 DE OUTUBRO, ÀS 9H

**ATIVIDADE GRATUITA TRANSMITIDA PELA PLATAFORMA ZOOM
PARA INSCRIÇÃO NA JORNADA ACESSE O SITE**

ACESSE O SITE:



(81) 3427-0836



RUA SÉRGIO MAGALHÃES,
66, GRAÇAS.
CEP: 52050-270, RECIFE/PE



ebpnediulga@gmail.com



<https://ebp.org.br/nordeste/>



**Escola Brasileira
de Psicanálise**
Seção Nordeste

Diretoria de Cartéis e
Intercâmbio Seção Nordeste

2025



Diretoria de cartéis e intercâmbio

Comissão científica: Eliane Baptista (EBP/AMP), Karynna Nóbrega (EBP/AMP), José Augusto Rocha (NPJ), Marina Fragoso (NPJ), Ísis Maurício e Ana Ocicleide.

Grupo de trabalho: Karynna Nóbrega (EBP/AMP), José Augusto Rocha (NPJ), Marina Fragoso (NPJ), Ísis Maurício e Ana Ocicleide.

SUMÁRIO

5

ARGUMENTO

Cláudia Formiga (EBP/NE)

Mesa 1 – O Cartel e a Formação do Analista

9

UMA EXPERIÊNCIA DE CARTEL NA ESCOLA

Ana Stela Sande

11

A FORMAÇÃO DO ANALISTA: ENTRE O CARTEL E A ESCOLA

Marcela Baccarini

13

O BURACO NO SABER, UMA BRECHA...

Aline Fonseca

15

A EXPERIÊNCIA EM CARTEL: UM ESFORÇO DE POESIA

Liège Uchôa

Mesa 2 – O Saber no Discurso Analítico

18

ATÉ AQUI

Luisa Fromer

20

O NÃO-SABER, O ANALÍTICO, A CAUSA ANALÍTICA: O QUE NOS RELANÇA AO DIVÃ

Marina Fragoso (NPJ/EBP)

22

ESCREVER: UM MODO DE USAR ALÍNGUA?

Karynna Nóbrega (EBP/AMP)

24

FALAR SOBRE TRANSFERÊNCIA AJUDA A SAIR DO INFERNO?

Ana Aparecida Rocha

Mesa 3 – Arte, Cultura e Psicanálise

27 “EU QUERO SER O QUE VOCÊ VIU EM MIM”.
José Ronaldo de Paulo (NPJ)

29 DON JUAN ENTRE O GOZO, O DESEJO E O AMOR
A. Júlio Garcia Freire

31 O NEOLOGISMO LACANIANO CONDANÇÃO, O CORPO E A DANÇA
Ana Paula Oliveira

Mesa 1 – A Psicose e os Novos Arranjos

35 UMA ESTABILIZAÇÃO NEM TÃO BOA ASSIM
Samuel Freitas

37 UMA NONA ESCRITA
Paulo Medeiros

39 PSICOSE ORDINÁRIA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA UMA CLÍNICA CONTINUÍSTA
Sarah Ruth Ferreira Fernandes

43 ENTRE NÓS E ENLACES: TESSITURAS SOBRE A PSICOSE ORDINÁRIA
Ísis Maurício

Mesa 2 – Saber Fazer com o Real

44 PRIMEIRO ATO, ÚLTIMO EFEITO
Luma Oliveira

46 QUEM TESTEMUNHA UM FINAL?
Pauleska Asevedo Nobrega

48 O CARTEL ENTRE DISCURSOS: QUAL O SABER EM QUESTÃO?
Ana Paula Menezes

50 UM-EQUÍVOCO NOVO, UM SIGNIFICANTE NOVO
Wilson Lima

Mesa 3 – O Feminino e o Último Ensino de Lacan

53 O PARCEIRO SINTOMA NA PSICANÁLISE
Juliana de Castro Teixeira

55 DEVASTAÇÃO NA RELAÇÃO MAE-FILHA
Sílvia Gusmão

57 A IDENTIFICAÇÃO: SEMBLANTE PARA O REAL
Margarida Elia Assad

59 PARA ALÉM DO INCONSCIENTE FREUDIANO
Vânia Ferreira

61 PROGRAMA

ARGUMENTO

Entre o múltiplo e o UM: o cartel na Escola

Cláudia Formiga (EBP/NE)

Foi com alegria que aceitei o convite de Karynna Nóbrega para escrever o Argumento desta III Jornada de Cartéis da Seção Nordeste. Para mim, uma oportunidade preciosa de aprender com a tarefa que me foi confiada, de pensar o cartel em sua articulação ao **Um e o múltiplo**, um tema que toca diretamente à formação do analista e ao conceito de Escola.

Com o convite, veio também o cartaz da Jornada. Nele, me encantou a imagem da toalha de mesa com seus fios, as cores vivas... A trama delicada do filé — um artesanato muito apreciado aqui no Nordeste, em que cada fio se enlaça a outros, sem que se perca de vista o seu matiz original — me pareceu uma feliz escolha para ilustrar o trabalho em cartel, que também se faz de singularidades entretecidas.

*“Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de **uma elaboração apoiada no pequeno grupo**. Cada um deles (...) se comporá de no mínimo três pessoas e no máximo cinco (...). Mais-um encarregado da discussão, da seleção e do destino a ser reservado ao **trabalho de cada um**”.*¹

No conceito de Escola está incluída a causa do desejo de saber, que constitui o desejo do analista como tal. É no cartel que o desejo de saber e a elaboração singular adquirem valor de uma transferência de trabalho, a partir do enlaçamento com outros. O cartel abriga, assim, a tensão entre o um e o múltiplo, na medida em que acolhe a singularidade e promove a sua ressonância no laço coletivo.

O Um de que se trata não é o da identidade ou da totalidade, mas Um do gozo, sempre êxtimo, *Um sozinho* que se encontra na experiência de análise e que insiste como marca singular. O múltiplo, referido aqui à Escola, se constitui não como “instituição”, saber acumulado do qual se espera um ensino, mas como um conjunto aberto, onde as singularidades podem vir a se enlaçar, sem se fundir. A Escola de Lacan coletiviza, não identifica, não produz “iguais”.

O saber, na Escola de Lacan, se produz pela extração de um real. E desde o seu “Ato de fundação”, Lacan colocou em sua base o cartel. Entre os princípios fundadores, com que deu partida a essa sua “invenção totalmente nova”, o cartel foi a resposta de Lacan, em termos coletivos, aos modos como real se apresenta em sua Escola. São esses princípios que, retomados por Miller em sua tese da Escola como sujeito (e como tal, interpretável analiticamente), que o farão designar a comunidade dos analistas como uma reunião de “uns-sozinhos”:

*“uma reunião de solidões, ou melhor, uma série de exceções, de solidões incomparáveis umas às outras, todas são solidões estruturadas como solidões, quero dizer como sujeitos barrados, fixados a significantes mestres e habitados por uma extimidade de um mais-de-gozar particular de cada um.”*²

1 LACAN, J. – “Ato de fundação”.

2 MILLER, J-A. “Teoria de Turim”. Disponível In: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf

Uma formulação que nos permite situar como *causa* a relação de cada analista com a Escola. No centro, o real da formação como um ponto de impossível, em torno do qual se articulam as análises, as supervisões e a produção de saber, sempre atravessadas pela transferência, tanto na sua dimensão individual quanto coletiva. O cartel, enquanto “célula mínima” da Escola, é um lugar onde o Um do sintoma encontra o múltiplo da transferência de trabalho. Nesse dispositivo, é entre o Um e o múltiplo que se estabelece de modo privilegiado a relação da Escola com o real que a determina, em uma experiência de formação que embora no espaço do coletivo, é atravessada pela elaboração singular e pelo furo no saber.

Como fazer laço sem fundar um universal? O cartel como pilar da formação, seria esse lugar onde a Escola se reconhece em sua condição de sujeito? De que modo, no cartel, se atualiza o conceito de Escola? Que essas e outras questões sejam convocação ao trabalho! Que os fios que compõem a toalha de filé, cuja imagem ilustra o nosso cartaz sejam inspiração para a tessitura de trabalhos, elaborações singulares, produtos de cartel endereçados a nossa III Jornada.

Provocados pela aposta desta Jornada, chamamos cada um ao trabalho, para que possamos extrair dela os efeitos sempre atuais de pensar e praticar o cartel como núcleo vivo da Escola.

10h às 11h

Mesa 1 – O Cartel e a Formação do Analista

Ana Stela Sande

*Você não sente nem vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
E o que há algum tempo era jovem e novo, hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer*

Velha roupa colorida

Belchior

A implantação da NPJ aconteceu após a constatação de que a média de idade dos membros da AMP é de 60 anos. A aposta é que seja possível estimular a entrada de jovens interessados na transmissão da psicanálise de orientação lacaniana a partir de uma experiência mais próxima de um trabalho de Escola.

Respondendo perguntas de jovens da EOL, Miller fala sobre a razão de se implantar uma política para a juventude: *“Na minha opinião, o fenômeno de envelhecimento, que lamentamos, se deve a manutenção de critérios de entrada feitos sob medida pelos analistas velhos. Esses critérios que demandam muitos textos escritos, todo um caminho, claramente são feitos para praticantes a partir dos 50 anos. Qualquer que sejam os méritos das Escolas, não é possível seguir assim, sem rejuvenescê-las. Tem sido mantida, por muito tempo e sem reforma, a política restritiva que pedi no momento de deixar a direção da AMP. Neste momento, disse que tínhamos que ser muito cuidadosos com admitir novos membros, porque já havíamos crescido enormemente. Foi há 21 anos (quase 24, no momento dessas jornadas de carteis). Descobri que isso perdurou, sem reformas. A NPJ tem como objetivo recuperar o tempo perdido”*.¹

Citando Lacan, Christiane Alberti nos indica que a juventude ao se mostrar sensível ao discurso dominante, pode ser um “guia para entender o momento presente”². Assim, o que a Escola pode oferecer a juventude é nada mais do que a própria Escola, com seus furos e sua política orientada pelo inconsciente. Não sem buscar falar a língua da época. Nesse sentido, qual o lugar dos jovens na EBP? Me parece que, a partir da NPJ, nos colocamos a trabalho para construir este lugar.

1 J-A, Miller in *Reinventar la Escuela? Preguntas portenhas*, Grama Ediciones, 2024, pág. 22/23, tradução livre

2 C. Alberti, Conferência no Congresso de Membros da EBP em 29/04/2023, texto inédito

Ainda citando Miller, Alberti nos convida a pensar a Escola sujeito usando como referência o discurso analítico em relação a sessão analítica, ou seja, a partir da ideia de um “saber à espera de realizar-se”. “Cada acontecimento de interpretação institui o discurso analítico a partir do lugar de enunciação singular”³.

Interpretar o sujeito Escola é introduzir a falta através das perguntas: o que é um analista? e O que é a psicanálise? Essas perguntas devem nortear o fazer Escola porque são perguntas que não serão respondidas pois “quanto menos se sabe o que é uma psicanálise, mais psicanálise há!”⁴.

Quando nos incita a pensar a NPJ, Alberti diz que está em jogo, para cada membro de Escola, o que cada um está disposto a ceder ou a apostar para promover a renovação, e alerta que isso se trata da transmissão no um a um da experiência de Escola. Seguindo essa diretriz, temos trabalhado em cartel; AMEs, APs e os participantes da NPJ, servindo e sendo servidos pelo Curso *O Banquete dos Analistas*. Nele, Miller diz que a Escola é o banquete dos analistas edificado pela transferência. Que os ditos jovens sejam convidados ao banquete e tenham nele um lugar que não seja só o de servir, mas que possam experimentar o trabalho em preparar a refeição, organizar as mesas, distribuir os lugares e preparar os discursos. Na Escola, aprendemos que o que se transmite é o trabalho. A transferência que provocamos é a de trabalho e não é pouco pois a obra de Lacan e Freud são imensas e temos um mundo para invadir.

No formato de cartel, podemos ouvir os ditos jovens e do que os anima a fazer parte dessa comunidade de trabalho pela psicanálise. A escolha do trabalho em cartel aponta para a importância de apostar na transmissão. Lacan e Miller fazem uma diferença entre ensinar e transmitir. Ensinar tem a ver com passar conteúdo e transmitir tem a ver com transformar. Ensinar é feito de continuidade, é sistemático, transmitir é descontínuo, provoca rupturas.⁵

Ao mesmo tempo que escutamos os jovens, sua linguagem atravessada pelas questões da época, transmitimos a experiência de Escola que construímos até aqui, a partir do que para cada um enlaça à Escola. Não é pouca coisa. Completamos 30 anos de fundação e a quantidade de produção é tanta que é impossível contabilizar. Avançamos, não sem insatisfação por isso apresentamos o banquete aos jovens para que desperte neles o amor necessário para levar a causa adiante.

Que os jovens adentrem ao banquete, que nos causem e sejam causados. Desta forma manteremos a Escola de Lacan e a psicanálise vivas.

3 idem

4 idem

5 Brodsk, G., *Os Psicanalistas e o Desejo de Ensinar*, Grama Ediciones, 2023

A formação do analista: entre o cartel e a Escola

Marcela Baccharini

O encerramento da NPJ¹ e do cartel proposto convocam a elaborar o que foi possível extrair destas experiências cujos efeitos se misturam. Para além do produto epistêmico, interessa circunscrever o que não se restringe a esse domínio já que a elaboração do saber no cartel não se separa das condições em que ele é produzido². E como tal saber inclui um real que não pode ser transmitido, me valho de algumas noções trabalhadas, e que concernem tanto ao dispositivo do cartel quanto ao funcionamento e à política da Escola, para tentar localizar como elas permitiram bordejar a minha questão inicial sobre a formação do analista.

Tomemos como ponto de partida a ideia de Rômulo F. da Silva³ segundo a qual a experiência do cartel deve reinaugurar o instante de ver produzindo efeitos de deformação. Daí extraímos a função desse dispositivo de manter a paixão pela ignorância que, segundo Lacan, “deve dar sentido a toda formação analítica”⁴. Tal reinauguração poderá promover um encontro diferente com o saber que será imprescindível para o tratamento do gozo aí implicado. Nessa perspectiva, o cartel apresentaria seu potencial nivelador favorecendo a fórmula segundo a qual, na Escola, todos estão como analisantes e em igualdade diante da experiência do real.

A premissa de que o trabalho do cartel deve combinar uma provocação e um traço próprio, exigindo sustentar uma enunciação que não seja coletiva, ficou evidente uma vez que a minha investigação, que refletia uma pergunta sobre a formação do analista e o vazio de identificação, não poderia avançar sem incluir a minha própria experiência de Escola. Enquanto as leituras permitiam abordar teoricamente a não-essência do analista e a falta de um significante que o identifique, foi a participação em outras atividades e o empreendimento de um percurso singular o que contribuiu para elucidar como é na Escola que cada um poderá buscar essa resposta por meio de um processo não *standard* e sem garantias. Como Miller⁵ já indicara, se a formação não se reduz à aquisição de uma competência técnica, ela se descola da pedagogia e inclui aquilo que se pode extrair da presença dos demais analistas na Escola desde que ninguém, como no apólogo dos 3 prisioneiros, suponha saber a cor do disco que o identifica⁶.

O cartel foi concebido por Lacan como uma máquina de guerra contra o didata, um dispositivo que pudesse fazer frente ao saber acabado e à formação totalizante. A aposta era que preservar o lugar do furo per-

1 Nova Política da Juventude

2 MANDIL, R. “Escola, cartel e passe”. In: Brown, N. (org.) Cartel, novas leituras. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, p.95-102.

3 SILVA, R.F. “O cartel como laço com a Escola”. In: Brown, N. (org.) Cartel, novas leituras. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 119-127.

4 LACAN, J. “Variantes do tratamento padrão”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.360.

5 MILLER, J.-A. El Nacimiento del Campo Freudiano, Buenos Aires: Paidós, 2023.

6 TARRAB, M. “El decir y lo real: hacer escuchar lo que está escrito”. Olivos: Grama Ediciones, 2023.

mitisse reconhecer o impossível da transmissão e, conseqüentemente, da formação. Mas, a intervenção de um colega me ajudou a localizar que tomá-lo por uma dimensão ideal acabaria por nos afastar da subversão original que Lacan empreendeu contra o discurso do mestre, indicando que fazer valer o real da experiência sobre os semblantes e seus efeitos de verdade não concerne apenas ao saber produzido no cartel, mas à própria maneira de encarar o dispositivo. E, se o cartel é o órgão de base da Escola, reproduzindo sua estrutura e propriedades, podemos assumir que a mesma advertência vale para a forma de abordá-la.

Nessa direção, as leituras e discussões acerca do funcionamento e do papel da Escola puderam provocar um furo nas referências imaginárias mostrando como a formação do analista é voo livre, ainda que não sem destino. Foi o que pude compreender do que Miller⁷ enunciou ao destacar a necessidade da pluralidade de publicações e da multiplicação de trocas para constituir um ambiente no qual caberia a cada um nadar o melhor possível, sem os efeitos de uma sugestão. Através de uma combinação única dos dispositivos disponíveis, e sempre insuficientes, e de sua articulação com o próprio trabalho de análise cada um poderá, solitariamente, tecer o movimento da própria formação. É essa a lógica que sustenta a Escola como um conjunto sem Universal, como uma série de exceções que se encarrega de manter, como destaca Mauricio Tarrab⁸, o “desconforto do heterogêneo na Escola diante das identificações que nos igualam” para dar lugar à diferença absoluta.

Por fim, os textos de natureza institucional foram importantes para elucidar o que esteve nas bases da criação da Escola e qual política ainda precisa operar para lhe manter fundamentada no discurso do analista. Pude compreender, por exemplo, como a lógica da permutação, em sua relação com o binômio *tiquê* e *automaton*, serve para tentar fazer valer um laço institucional que considere o S(A/) ou para preservar o equilíbrio entre Escola e Instituição. Isso é importante porque adverte contra o perigo da sobreposição dos outros discursos e que pode, inclusive, comprometer os efeitos de formação que se extraem da experiência na Escola. E discutir esse tipo de questão dentro das bordas do dispositivo do cartel pôde ter como efeito um certo tratamento do imaginário que arrisca inflar-se quando determinados pontos são abordados em outros contextos.

7 MILLER, J-A. “Sobre a formação do analista”, In: Como terminam as análises: paradoxos do passe. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

8 TARRAB, M. “O cartel e a política lacaniana”. In: Brown, N. (org.) Cartel, novas leituras. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise. p. 246.

O buraco no saber, uma brecha...

Aline Fonseca

Qualquer
Traço, linha, ponto de fuga
Um buraco de agulha ou de telha
Onde chova

Qualquer
Pedra, passo, perna, braço
Parte de um pedaço que se mova
Qualquer
Fresta, furo, vão de muro
Fenda, boca onde não se caiba
Qualquer vento, nuvem, flor que se imagine além de onde o céu acaba

Qualquer
Lapso, abalo, curto-circuito
Qualquer susto que não se mereça
Qualquer curva de qualquer destino que desfaça o curso de qualquer certeza
Qualquer coisa que não fique ilesa
Qualquer coisa que não fixe
(Qualquer, Arnaldo Antunes)

Em minha primeira experiência de cartel, um conjunto de “uns” marcados pela escrita, cada qual à sua maneira. Ao nosso encontro decidimos dar o nome de *A escrita: uma resposta ao real?*. Portando o meu não saber, no instante de ver, o lampejo de um significante novo: estilo. Assim podemos dizer de “um jeito particular de fazer uso da palavra”, frase dita por mim em nossa primeira reunião. Desponta um horizonte. Qual a relação entre escrita e estilo? A que se destina a escrita em um cartel? Pode esta vivência, com sua “elaboração provocada”, suscitar a escrita de um estilo?

Em uma publicação no Boletim Litorâneo da Seção Nordeste a respeito do produto do cartel, Marilsa Basso¹ retoma Lacan em *D'Écolage*, colocando cinco pontos precisos em torno deste dispositivo, dentre os quais destaco a proposição de um coletivo no qual seja possível suportar o que no laço desenlaça, e se extrair o ‘Um’ de cada um. Ela prossegue citando Éric Laurent ao colocar que é então a partir da relação com o ou-

1 Ver no site <https://ebp.org.br/nordeste/o-produto-do-cartel-seu-escrito-um-estilo/>

tro, da unidade do grupo em direção à produção de sujeitos divididos, remetidos a sua questão íntima — do múltiplo ao Um — que podemos pensar em uma artesanania espontânea: o surgimento de um estilo singular.

Ao tentar partilhar minha experiência de cartel com um amigo, sorrindo, eu lhe dizia: “há um buraco, estamos olhando para um buraco, contornando esse buraco”. Na ocasião de uma noite de cartéis e intercâmbio deste ano intitulada O cartel e a formação do analista, uma fala de Luiz Fernando Carrijo me faz perceber que o buraco interessa. Dizia ele que o cartel não está inscrito no discurso das eficiências, estando em jogo o que se extrai da experiência com o real que se apresenta no entre-palavras trocado no coletivo.

Marilsa diz que mais do que nos encontros teóricos, clínicos e epistêmicos, é também nos desencontros, fraturas e desconstruções do que se pensava saber que estão as enunciações de cada um, frestas valiosas para uma escrita inédita. Busca-se um saber, mas lá onde se busca, algo se perde. E lá onde se perde, há uma brecha para que algo novo possa emergir.

Sigo com a descoberta de que é ali no susto reservado pela contingência, onde o que se diz e o que se escuta escapam à intencionalidade, que o buraco no saber e seu vazio de sentido pode precipitar a escrita de um “sentido que faz laço”, como nos diz Marilsa. Um efeito do jogo de real implícito no próprio dispositivo do cartel.

É a partir da expressão de cada um ao se lançar na experiência com seu corpo e seu sintoma que, a cada curva, algo de um estilo pode se revelar. Neste percurso, como ensina Arnaldo Antunes, esperamos contar com a sorte de qualquer coisa... que não fique ileso, que não fixe.

A Experiência em Cartel: um esforço de poesia

Liège Uchôa

A participação em um cartel como Mais-Um, investigando sobre a psicose ordinária, trouxe, nesse percurso, efeitos de formação. Entrar no dispositivo nos convoca a lidar, permanentemente, com a dimensão do real. É uma experiência não-toda, à qual precisamos consentir. Como a poesia, ela não é tecida num lugar comum, exato, em conformidade.

O efeito desnorteador dessa experiência do Cartel, somados à investigação sobre a psicose ordinária, me trouxe um duplo desafio: Por um lado, o desconhecido das parcerias de trabalho, a condição de Mais-Um, a confrontação com um não-saber, a oscilação entre o uno e o múltiplo. Por outro, a psicose ordinária, como um campo novo de investigação no estudo das psicoses, quando os casos clínicos já não se enquadram às categorias clínicas utilizadas. Essa obscuridade do saber é um terreno fértil para nutrir nosso desejo de investigação. Além do mais, esse estudo, muito me ensinou sobre a clínica no contemporâneo.

Para Miquel Bassols, o conceito de psicose ordinária, cunhado por Jacques-Alain Miller, no fim da década de 1990, conseguiu ser um conceito clínico estabelecido, um conceito de enorme efetividade.¹ Portanto, as psicoses ordinárias, dão conta de uma série de fenômenos que antes passavam despercebidos por sua aparente normalidade, mas escutados a partir do ensino de Lacan, são localizados no campo das psicoses.

Uma nova concepção da clínica se delineia: a passagem do universal da classificação ao singular de cada caso, acompanhando o percurso lacaniano das estruturas aos modos de gozo. O Nome-do-Pai, como representante único da lei simbólica, agora se pluraliza e, por isso mesmo alguns sujeitos psicóticos, encontram uma solução singular de gozar e de fazer laço social.

Quais os efeitos dessas mudanças na direção do tratamento? O que nos ensina a psicose ordinária sobre a clínica na atualidade?

É preciso situar o lugar do analista na transferência, quando ele não opera apenas a partir do lugar de suposto saber. Nos dias de hoje, o analista se coloca como aquele que nomeia o gozo não negativizável, procedemos destacando as nomeações mais singulares feitas pelo sujeito, as coordenadas subjetivas ao longo de um processo analítico. A psicose ordinária exige do analista que ele se coloque à disposição das invenções dos sujeitos naquilo que eles constroem para contornar o impossível, e seu laço possível com o Outro. Sejam eles neuróticos ou psicóticos.

As intervenções tradicionais, sustentadas numa clínica interpretativa, tomando como centro a referência no Édipo, não surtiem mais efeitos em alguns casos. A leitura binarista da clínica estrutural se apresentava insuficiente. A clínica da psicose ordinária, nos ensina que os sujeitos podiam encontrar outras maneiras de

1 BASSOLS, M. Psicoses, ordenadas sob transferência. In: **Scilicet**: As Psicoses Ordinárias e as outras – sob transferência. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, 2018. p.21.

se estabilizarem e de fazerem laço social para além do Nome-do-Pai. Não será mais a presença ou a ausência do Nome-do-Pai o que definirá o *fa-lasser* mas, sim, sua posição de gozo no mundo. Uma suplência ao Nome-do-Pai, permite ao sujeito viver experiências no laço social com alguma estabilização. Neuróticos ou psicóticos, cada sujeito cria a sua solução, uma invenção para o seu modo de gozo.

Se hoje “pode-se dispensar o Nome-do-Pai com a condição de servir-se dele como semblante”², se através de um substituto do Nome-do-Pai uma psicose pode estabilizar-se, consideramos que a clínica da psicose ordinária pode ser paradigma para uma clínica de sujeitos que apresentam sintomas decorrentes do declínio da função paterna, por sua diversidade de amarrações. Desse modo, a amarração dos registros real, simbólico e imaginário será fruto de uma invenção particular para lidar com o gozo, e os analistas precisam saber ler essa escrita. A psicanálise não é apenas questão de escuta, ela é também questão de leitura³. É o que Miller propõe: que se leia o sintoma privando-o de sentido, deslocando a interpretação do enquadre edipiano para o enquadre *borromeano*. Assim, o sintoma se reduz à sua fórmula inicial – o encontro material de um significante com o corpo – e se desprende das miragens da verdade que o deciframento lhes traz, visando a opacidade do real. É nesse sentido que um cartel é esforço de poesia, por ser um lugar onde se tece o singular.

2 LAURENT, E.; MILLER, J.-A. O Outro que não existe e seus comitês de ética. *Curinga*, n. 12, p. 4-18, 1998.

3 MILLER, J.-A. Ler um sintoma. *In*: Opção Lacaniana n.70. São Paulo: Eolia, 2015. p.14

11h às 12h

Mesa 2 – O Saber no Discurso Analítico

Escrevo a partir do cartel “Um analista na Escola”, que perpassa as fronteiras do Brasil. O ano era 2023, surgia no horizonte uma política voltada à admissão de jovens. O diagnóstico: os membros da Escola de Psicanálise estavam envelhecidos, e aqueles com menos de 35 anos eram quase inexistentes. Se o horizonte seguisse assim, seria esse o fim da Escola? Em 2021, Miller havia pontuado a necessidade de docilidade aos jovens. Sob a presidência de Cristina Alberti, a nova política jovem foi anunciada. Quatro significantes que me colocam ao trabalho desde o início: “jovem”, “velho”, “novo” e “experiência”.

Alberti, em conferência ⁽¹⁾, recorda Lacan na Itália, em 1964, ao afirmar que deposita sua esperança nos jovens. Alberti questiona: de que esperança falamos? Esclarece que não se trata de idealizações românticas ou líricas sobre a juventude. Para Lacan, se quisermos que a psicanálise perdure, é imprescindível direcionar-se aos jovens, isto pois, a juventude, é sensível ao discurso dominante, funcionando como guia para compreender o presente. É como uma placa sensível à contemporaneidade.

Alberti, pontua sobre um caminho em direção aos jovens, superando as barreiras que os afastam da psicanálise, os obstáculos que inibem a presença da juventude na Escola. Lacan, ao tratar da direção da juventude, não oferece propaganda nem promete felicidade ou um futuro melhor. Em vez disso, apresenta apenas a oferta analítica em sua essência: a constatação de que o ser humano sofre de algo que não supera e não compreende.

Gabriela Carmaly ⁽²⁾, expresa: “No hay que convencer a nadie de lo fabuloso que es formarse en nuestra Escuela. Nada de esto funcionaría! Es necesario ofrecer la posibilidad, hacer saber que esa posibilidad existe para quien quiera hacer la experiencia de inmersión en la Escuela e intente nadar, con otros, pero con su estilo propio. Hay lugar para la reinención.”

Como questão do cartel, indago: de que modo o jovem pode interpretar a Escola? Resgato Lacan no *Ato de Fundação* ⁽³⁾: “Em nossa época, a psicanálise está em toda parte, e os psicanalistas, em outro lugar.” Coloco, então, a questão: em nossa época, onde estão os jovens? Há uma hipótese estabelecida: a ausência dos jovens estaria ligada às exigências e aos critérios para a admissão de novos membros. Seria essa a única razão? Em *Teoria de Turim* ⁽⁴⁾, Miller apresenta a Escola como um sujeito, definido pelos significantes que a constituem. O ato de estabelecer esses significantes é de absoluta responsabilidade, pois trata-se de uma interpretação que opera sobre o sujeito por meio da palavra. Embora necessite de estatutos legais, a Escola, acima de tudo, requer interpretações que a pensem enquanto sujeito, seria a NPJ uma interpretação?

Por se tratar do inédito, não há um saber instituto regras, protocolos, Marcus André Vieira ⁽⁵⁾ pontua: “É preciso a cada dia em nossa Escola que a transferência seja mais decisiva que os estatutos.” Como cuidar

dessa transferência com os jovens? Gabriela Grinbaum⁽⁶⁾ em carta a Miller expressa: “esses jovens não são os universitários a quem Lacan se dirige em maio de 68, nem buscam um mestre! É a transferência!” Lacan pontua: “O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho.”

Como fazer com que os jovens desejem endereçar-se à Escola? A NPJ inaugurou esse convite, permitindo que cada jovem nade à sua maneira, marcado por seu estilo e atravessado por sua própria experiência. A formação do analista é definida pela experiência de sua própria análise, sua autorização não depende de validações externas, mas de uma conexão íntima com essa experiência única e irreduzível, ela não pode ser delegada, pois transcende o saber técnico ou teórico, enraizando-se na relação do sujeito com seu inconsciente. Ao mesmo tempo, participar da Escola sob a luz dessa nova política só pode ser vivido através do Real da experiência – um tempo da realidade de dois anos que marca a NPJ e um tempo do Real que incide para além do cronológico. A Escola é subjetiva, sustenta-se na solidão de cada um, ainda que seja uma solidão jovem.

Encerro com Miller⁽⁸⁾: “Somente sob essa condição, uma Escola merece seu nome e faz sentido existir. Não se justifica apenas como um conjunto de estatutos, bens ou assembleias – embora necessários. Uma Escola só vale a pena ser fundada, e alguém só deve se vincular a ela, se puder se constituir como sujeito em pleno exercício.”

Bibliografia:

- (1) EOL - Escuela de la Orientación Lacaniana. Juventud y Psicoanálisis [Internet]. YouTube; 2023 [citado em 28 jan. 2025]. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/BKoWngGKpBE>
- Escuela de la Orientación Lacaniana. El Caldero de la Escuela . Nueva serie, n. 32, año 2023.
- Lacan J. Ato de fundação. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar; 2003. p. 243.
- Miller J-A. Teoria de Turim. Opção Lacaniana online nova série. 2016 nov;21. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf.
- Vieira MA. Escola, voz e corpo. 2021 nov. Disponível em: <https://ebp.org.br/rj/wp-content/uploads/2021/11/Escola-voz-e-corpo-Marcus-Andre%CC%81-Vieira.pdf>.
- Escuela de la Orientación Lacaniana. El Caldero de la Escuela . Nueva serie, n. 32, año 2023.
- Lacan J. Proposição de 9 de outubro. In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar; 2003. p. 248.
- Miller J-A. Teoria de Turim. Opção Lacaniana online nova série. 2016 nov;21 p.10. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_21/Teoria_de_Turim.pdf.
- EBP. Experiência de Escola [Internet]. Disponível em: <https://ebp.org.br/sul/experiencia-de-escola/>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- Zbrun, M. A. A formação do analista: de Freud a Lacan. São Paulo: KBR Editora Digital Ltda.; 2014.
- Souto S. Política psicanalista. Arteira. Disponível em: <https://revistaarteira.com.br/index.php/11-arteira11/55-politica-psicanalista>. Acesso em: 29 jan. 2025.

1 tradução livre.

O não-saber, o analítico, a causa analítica: o que nos relança ao divã

Marina Fragoso (NPJ/EBP)

A produção de um produto de cartel implica a possibilidade de atravessar a inibição e promover a circulação dos discursos a partir de uma posição histórica, na qual se atravessa a suposição de saber dirigida a um mestre, orientando-se em direção ao discurso analítico. Considerando que a escrita comporta, em si, uma perda, o ato de escrever exige que algo possa ser articulado em torno da relação com o objeto. Assim, a elaboração de um produto de cartel pode operar como um movimento em direção ao discurso analítico, na medida em que cada participante, a partir de uma questão própria, é capaz de construir um saber que se configura menos como um saber morto e mais como efeito da própria enunciação. Trata-se, portanto, de uma elaboração provocada, à medida que, como afirma Jacques-Alain Miller, “o discurso analítico desloca esse sujeito, fazendo dele um provocador provocado.”¹

Dessa forma, torna-se possível iniciar um movimento de resposta a partir de outra posição subjetiva, reinaugurando a relação singular de cada um com o não-saber. Ao interpretar a Escola como sujeito, Miller aponta para uma questão crucial: a relação do saber analítico com o novo. A escrita em um cartel nos coloca constantemente diante do inédito da experiência.

No caso da NPJ, participamos de um cartel provocado, o qual nos permitiu ir além das identificações com a categoria “jovem”, aproximando-nos do conceito de jovem como causa, conforme formulado na Escola de Lacan. O jovem é concebido como aquilo que, na causa analítica, nos aproxima da experiência com o inaugural. A esse respeito, Miller afirma: “Em uma Escola, tudo é da ordem do analítico. É um axioma, a condição para que uma Escola seja interessante.”² Nesse sentido, os dispositivos de Escola surgem como invenções diante das impossibilidades institucionais de relançar o novo como questão. Tais dispositivos operam no sentido de interpretar e fazer circular o sujeito suposto saber, sustentando a lógica analítica no interior da instituição.

Se, em uma sociedade de psicanálise, estão bem delineados aqueles que detêm o saber, em uma Escola é sempre necessário que essa condição seja colocada em questão. Ao propor a nova política da juventude, Miller parece apostar em um saber que se dá pela ordem da enunciação, promovendo uma relação com o saber orientada pelo discurso analítico. O saber que interessa à Escola não se sustenta na lógica do acúmulo, mas justamente no furo.

1 **MILLER, Jacques-Alain.** Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada. Escola Brasileira de Psicanálise, 1986. Disponível em: <https://ebp.org.br/wp-content/uploads/2024/02/22Cinco-Variacoes-sobre-o-temada-elaboracao-provocada22-Jacques-Alain-Miller.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2025 ²

2 **MILLER, Jacques-Alain.** Teoria de Turim. Opção Lacaniana, 2016. Disponível em: http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_21/teoria_de_turim.pdf. Acesso em: 21 ago. 2025.

Por isso, nenhum dispositivo de Escola, tampouco qualquer política, deve ocupar o lugar de “salvar” a Escola da institucionalização. Diante da nossa tendência universal à formação de grupos, é importante lembrar que “não existem verdades reveladas, nem dispositivos de uma vez por todas; essa é uma marca distintiva da nossa vida institucional, de seus sobressaltos e de qualquer política que aspire a se denominar lacaniana.”³

Esse é um real do qual precisamos estar sempre advertidos no fazer Escola, pois trata-se sempre da ordem de um fazer, um artesanato, uma invenção com aquilo que cada um pode oferecer de si em sua formação. É assim que se pode reinventar a Escola, afastando-nos daquilo que Miller denomina como a *paz institucional*. Por essa via, interpretar a Escola produzirá inevitavelmente algum efeito de mal-estar, uma vez que tal gesto perturba as defesas institucionais. Trabalhar a serviço do discurso analítico é “deixar em aberto a pergunta sobre a responsabilidade com que cada um, de maneira contingente, se serve do discurso analítico para servir a ele, como também para rejuvenescê-lo e reinventá-lo, na prática e na Escola, cada vez.”⁴ Essa perspectiva possibilita a aproximação de um fazer mais interessante.

O que torna a Escola interessante é justamente aquilo que relança cada um ao divã em sua própria formação, pois é a partir desses efeitos que se torna possível aproximar-se da enunciação, do grão de loucura que tece o desejo de cada um em direção à causa analítica, aquilo que cada sujeito poderá fazer com seu horror de saber, orientando-o em direção a um desejo de saber.

3 **TARRAB, Mauricio.** *El decir y lo real: hacer escuchar lo que está escrito*. Olivos: Grama Ediciones, 2023. p. 23.

4 **ZELAYA, Andrea V.** *Todos jóvenes?*. In EL CALDERO DE LA ESCUELA. Buenos Aires, v. 32, 2023, p.39

Escrever: um modo de usar *alíngua*?

Karynna Nóbrega (EBP/AMP)

O escrito não é para ler

Miller, J-A

Contingencialmente, fui convidada a ser mais um do cartel sobre o tema da Escrita, um tema caro a psicanálise e de pertinência seja no campo da clínica, da epistême e da política. Em torno do enigma do significante mestre escrita, fomos cada um ao seu modo provocados e convocados ao trabalho e a escrita. Nomeamos o nosso cartel por meio de uma pergunta, a saber: Escrita: uma resposta do real?

Nasceram as questões de investigação de cada cartelizante: Qual a relação entre a escrita e o estilo? Qual a relação entre o corpo e a escrita? O que o psicótico ensina sobre o uso da escrita na função de estabilização? Como se relaciona o ato do analista e o nascimento de uma nova da escrita? E a minha questão de investigação: Seria a escrita um modo de gozo?

Freud em *Escritores criativos e devaneio*¹ (1908) faz uma comparação entre a criança que brinca e o trabalho do escritor criativo, nesse texto problematiza que há no trabalho de escrita uma satisfação e que esse ato tem relação com a fantasia. Assim, nos ensina que escrever é uma forma de fantasiar: de brincar com as palavras e de satisfação.

No primeiro tempo de investigação partimos de uma perspectiva conceitual da linguagem, discurso, significantes, letra e *alíngua*. Por meio do trabalho de pesquisa, e leitura de alguns dos capítulos do livro *O autismo entre alíngua e a letra*² (2024), foi possível extrair que o inconsciente apresenta duas dimensões, o inconsciente real a invenção lacaniana e o inconsciente estruturado pela linguagem.

A clínica psicanalítica nos ensina que o sujeito desconhece a língua que fala, e cada um a seu modo a habita de modo particular. Laurent³ (2024, pág. 21) ensina que: ... a linguagem privada é um testemunho por excelência, da construção de uma borda específica entre o sujeito e o Outro com o qual tem que se haver. (...) O sujeito se extrai de alíngua comum apoiando-se na repetição e inscrição de palavras no corpo. O sujeito não está feito para comunicar-se, mas incluir-se no mundo de maneira autoerótica. E são os percursos que o sujeito fará que permitirão a ele obter esse lugar no mundo."

O lcs real remete ao lcs enquanto substância gozante, é o Um, composto por *alíngua*, esse inconsciente produzido pelo gozo de alíngua, ou seja, pelo sem sentido. Alíngua remete a escrita do gozo primordial do corpo, sem o Outro. Conforme Bayón (2024) há três tempos para a constituição subjetiva: o primeiro o tempo

1 FREUD, Sigmund **Escritores criativos e devaneios** (1908) vol. 09 Obras psicológicas completas Rio de Janeiro: Imago, 1996.

2 ALVAREZ BAYÓN, **Patrício O autismo, entre alíngua e a letra** Vitória: Editora Cândida, 2024.

3 Prefácio do livro *O autismo, entre alíngua e a letra*.

de *lalíngua*, em seguida a letra e por fim a linguagem. *Alíngua* enquanto marca e cifra uma substância, enxame de S1 que não visa comunicação e não tem relação com o Outro, está na dimensão do Um.

O lcs estruturado pela linguagem é efeito de uma delicada passagem do Um ao Outro. Com isso, ensina que o que produz gozo no corpo é a dimensão de *alíngua*, e por outro lado a linguagem promove um esvaziamento do gozo do corpo.

Miller em **O escrito na fala** (2012) ⁴problematiza as versões do estatuto da escrita, destacando que a letra não apresenta uma significação, e que o inconsciente é feito de *alíngua* e essa por sua vez visa o gozo. Nesse sentido a linguagem é um aparelho de gozo, do sentido -- gozo fálico e do não sentido – gozo não todo fálico.

Miller nos dá pistas de que o ato de escrever tem relação com os ruídos, ecos e murmúrios de *lalíngua*. E que em toda escrita há presente a dimensão do escrito, da cifra de gozo, do intraduzível e inaudível que remete ao *parasita falador*⁵. Assim, penso que o trabalho de escrita seria um possível tratamento e um destino aquilo que não silencia, *alíngua*, os S1 e os objetos *a*.

Lutterbach⁶ (2022) em **Reavida e escrita: notas de uma psicanalista** destaca que antes de escrever não sabemos o que vamos escrever. Ela afirma: “A escrita é o desconhecido. Antes de escrever não se saber nada do que vai escrever” (Lutterbach, 2022, pág. 09). Partindo dessa ideia da autora, penso que no início do ato de escrita está o não saber e o decorrer do trabalho há uma passagem do não saber para o saber fazer com, por meio de uma invenção, em torno das peças soltas, os significantes mestres e os objetos *a*. Como efeito uma possível promoção e arranjos significantes. Assim, no início está o não saber que convoca o escritor ao fazer: o ato de escrever implica em se servir da linguagem e da gramática pulsional.

Extraindo consequências do trabalho de pesquisa realizado até o presente momento, penso que o trabalho de Escola por meio dos produtos escritos apresentados nas jornadas de cartéis permite ao analista praticante, um lugar para *lalíngua* e para uma nova escrita de si, como efeito do trabalho de escola é possível construir um estilo e um saber fazer com as peças soltas, e com isso a Escola acolhe os Uns de cada *falasser* e o múltiplo.

4 MILLER, J-A **O escrito na fala**. Revista Opção lacaniana online. n° 8 julho de 2012. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/nranterior/numero8/texto1.html>

5 Expressão utilizada por Lacan no seminário 23

6 HOLCK, Ana Lúcia Lutterbach Rodrigues. **Reavida e escrita: notas de uma psicanalista**. Rio de Janeiro: Fólio Digital, 2022.

Falar sobre transferência ajuda a sair do inferno?

Ana Aparecida Rocha

Falar com a criança nos remete aos primórdios da Psicanálise e, ao mesmo tempo, nos leva ao tempo atual. Seja escutando a adultos ou crianças, aquilo de que se fala nos diz do infantil. As marcas do que se leu a partir da relação com o Outro, aparecem no trabalho que se dá em uma experiência analítica. O infantil não envelhece.

A clínica com crianças nos coloca, enquanto analistas, frente as primeiras tentativas do sujeito de levantar uma defesa e construir um sintoma que o sustente diante daquilo que o toma em sua encruzilhada com o real. Convocada a tentar dizer algo disso a criança depara-se com a batalha de, com os recursos que dispõe e inventa, buscar um saber, fazer uma escolha.

Miller¹, acerca do saber da criança, afirma que este é autêntico e sendo sabido ou não deve estar inscrito no discurso analítico. Indaguemos: em uma experiência analítica para uma criança qual o lugar do analista nesta empreitada? E como pensarmos nesta a relação com o real ?

Lucas, 11 anos, chega à análise porque, aos olhos dos pais, está muito sensível, mostrando-se aflito e chorando diante das dificuldades nas relações com colegas e familiares. Realizou 6 avaliações neuropsicológicas, desde 1 ano e 6 meses até os 8 anos onde houve a hipótese não consensual de autismo. Participou de diversos atendimentos psicológicos e, até ano passado, detinha uma agenda de atividades variadas. Sobre ele os pais dizem: *Lucas é muito sensível, meigo, mas tem dificuldades de se impor frente as demandas dos amigos e demais pessoas. Isto nos incomoda: ele parece imaturo, frágil e sem forças para responder e se defender perante aquilo que lhe é dito pelos outros.* Afirmo para eles: *Não é simples se relacionar. Neste campo há dificuldades para todos.*

A mãe, preocupada, fala: *eu quero ajudá-lo a diminuir seu sofrimento. Estou aberta a aceitar que se ele for gay, tudo bem. Eu também enfrentei problemas na adolescência. Diga-nos como devemos melhor fazer para ajudá-lo a sair dessa posição.*

O pai, menos falante, acredita que Lucas é *sagaz pois, ele sabe que resposta a gente espera dele e, às vezes, responde exatamente isso.*

Diante do recomeço das aulas, frequentando uma grande escola na cidade, se vê diante de conteúdos que não entende e de situações onde os professores o implicam frente aos acontecimentos na sala. *Parece que tudo sou eu, desde a outra escola eu era alvo de brincadeiras chatas, inclusive a professora reparava no meu modo de andar. Ela mangava de meus pés. Os colegas riam.* Pergunto-lhe como fazia diante disso. *Eu falo, mas, ela não concordava. Meus pais foram lá, mas não mudou muito.* Acrescento: parece que é com você que está o desafio a ser enfrentado.

1 Miller, J.-A. A criança e o saber. CIEN-Digital, n. 11, jan. 2012. p.8

Me ajude a sair desse inferno, afirma Lucas. Com este pedido, solta o discurso da queixa e faz um apelo. A medida em que o indago de que modo ele mesmo pode ir tentando encontrar suas saídas, me escuta e fica em silêncio.

Na sessão seguinte volta e me diz que só está vindo para a análise porque eu sou diferente dos outros psicólogos *porque você me faz pensar e encontrar minhas ideias e pensamentos para resolver.* Chega elencando uma série de ações que inventou para dar conta dos conteúdos escolares.

Escutando Lucas, sob transferência, vemos que a palavra endereçada encontra um estatuto diferente. Convoca ao sujeito de desejo que ele retorne sobre si e ao trazer suas construções, estas são escutadas como estratégias e recursos que lançará mão para lidar com sua angústia e rever sua posição de gozo.

Para Barros² as crianças lançam mão de ferramentas que, dentro de um tratamento analítico, podem levá-las a se constituírem como sujeitos circunscrevem pontos que os auxilie a lidar com o aquilo que lhes parece tão perturbador.

Escutar uma criança em análise é assegurar o lugar e o espaço para que, enquanto sujeito de desejo, traga suas invenções em um percurso onde acompanharemos as suas saídas frente ao inferno em que se põe. Isto, não se daria sem uma transferência. Sigamos...

Referências

Barros, M. do R. C. de As crianças e suas ficções. Rayuela, 10 novembro/2023
Miller, J.- A. A criança e o saber. CIEN- digital n 11, jan/p.8

2 Barros, M. do R. C. do R. A criança e suas ficções. Revista Rayuela. Publicação virtual da Nova Rede Cereda América

12h às 12h40
Mesa 3 – Arte, Cultura e Psicanálise

“Eu quero ser o que você viu em mim”.

José Ronaldo de Paulo (NPJ)

O artista grafiteiro britânico *Banksy*, não sabemos a sua identidade, não se sabe se é um homem, uma mulher, ou se é um coletivo. A partir dos anos 2000, ele espalhou murais por diferentes regiões, incluindo Belém, Cisjordânia, Los Angeles e Londres. Nessas intervenções de grande escala, abordou temas variados, como o consumismo, a realeza britânica, o movimento anti guerra, o conflito entre Israel e Palestina, a Covid-19 e a guerra na Ucrânia. As ressonâncias, assim como o teor simbólico reflexivo que utiliza humor e críticas ácidas a um anti sistema, são bem conhecidos.

Uma das últimas obras de Banksy publicada em seu instagram¹, foi revelada em uma rua discreta de Marselha na França, consiste em um farol pintado numa parede bege e aparentemente sem importância. O farol, no entanto, não se impõe sozinho: sua estrutura luminosa se apoia na ilusão de ótica criada pela sombra projetada de um paralelepípedo de metal (um *bollard*) real, posicionado na calçada à sua frente. A essa composição se sobrepõe a frase: “*I want to be what you saw in me*” (“**Quero ser o que você viu em mim**”).

Essa imagem, de aparência simples, convoca aspectos ricos e sensíveis. O farol, um objeto que que guia no escuro, aqui é formado por um elemento urbano ordinário, quase invisível, que ganha sentido apenas quando *olhado* sob uma nova perspectiva. O farol só se realiza como tal por meio da sombra: um jogo entre luz e ilusão, presença e ausência. A obra depende da posição do observador, pois é o olhar que produz o farol, dando sentido ao banal.

A frase que a acompanha intensifica esse deslocamento: “Quero ser o que você viu em mim” expressa o desejo de corresponder a uma imagem projetada pelo Outro. Trata-se de uma interrogação sobre identidade e reconhecimento, em que o sujeito, como o paralelepípedo, não é em si um farol, mas pode se tornar, à luz do desejo do Outro, aquilo que o Outro viu, idealizou e colocou como causa de desejo. Porém, tal enunciação eclipsou o sujeito frente ao objeto olhar.

Assim, Banksy propõe aqui uma virada íntima e poética: em vez da crítica política frontal de obras anteriores, esta peça convida à reflexão sobre a fragilidade do sujeito, sobre a ânsia de se tornar digno do olhar que nos constitui, e sobre como somos feitos da sombra do que falta e do que o Outro vê.

Essa ambiguidade radical, essa incerteza sobre o ponto de origem do desejo e da imagem, nos aproxima da lição de Lacan no Seminário 11², quando analisa o quadro *Os Embaixadores* (Hans Holbein, 1533). Nele, a figura da caveira, visível apenas sob certo ângulo, desafia o olhar do espectador e introduz uma dimensão de

1 Banksy. **Instagram**.. 29 mai. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DKPUG56MqyT/?img_index=1. Acesso em: 01 jun. 2025.

2 LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

real que escapa ao campo da representação. Assim como na pintura de Holbein, a obra de Banksy nos força a interrogar a própria posição do sujeito diante da imagem: quem olha? Quem é olhado? Quem deseja? Quem é desejado?

Esse gesto de Banksy ressoa na canção “Softly³” do grupo Lonestar, onde o sujeito canta seu despedaçamento pela ternura do amor: “Você veio e roubou meu fôlego... Eu quero ser o que você vê em mim”. A construção amorosa ali é também ilusória, frágil e devastadora. O sujeito não deseja amar, mas deseja tornar-se digno do amor que recebeu. Como a sombra que se converte em farol, ele tenta corresponder a uma imagem que talvez nunca tenha sido sua.

E é *suavemente, softly*, que essa verdade se impõe: o sujeito não deseja apenas ser amado, mas ser aquilo que o Outro viu, imaginou. O que Banksy nos mostra, com tinta e sombra, é que essa imagem é real apenas como fenda, como um resto que se projeta, mas não se possui.

3 LETRAS.MUS. *Lonestar: título da música*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/lonestar/308053/>. Acesso em: 22 set. 2025.

DON JUAN ENTRE O GOZO, O DESEJO E O AMOR

A. Júlio Garcia Freire

Esse trabalho começa a partir de uma experiência clínica que me confronta com o insensato no amor: o ponto de loucura de amar e ser amado. Tal experiência me conduz a interrogar a conjunção entre amor e feminino, pois no amor há um apelo a um saber não-todo. Como Lacan mostra n' *O seminário, livro 8: a transferência* (1960-1961), amar é, fundamentalmente, uma experiência de desconhecimento — não sei o que há em mim que desperta o amor no outro.

Daí emergem minhas questões: como se articulam o gozo feminino e o amor? O que é esse atravessamento que escapa à função fálica? Levo essas perguntas ao cartel sobre *O seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973), composto por Sônia Vicente como mais-um, e por Carlangue de Castro, José Ronaldo, Maria Rejane.

Nesse seminário, Lacan desloca seu ensino da lógica significante para colocar em evidência o gozo, essa substância pulsante, indomesticável pela linguagem.

É então que Sônia formula a colocação que orienta minha investigação: o gozo feminino não é o mesmo que o gozo da mulher. Surge assim a questão que me guia: o que os diferencia? Não trago aqui uma resposta, mas um passo nesse percurso, acompanhando Lacan quando, ao tratar da inexistência da relação sexual e da articulação entre amor, gozo e feminino, recorre à figura de Don Juan.

Don Juan é essa personagem escolhido por Lacan para fazer imaginar a lógica feminina, ou seja, tornar cada mulher uma a uma. Criado no romance barroco de Tirso de Molina (1630) e reescrito em diferentes versões — como as de Molière e Mozart —, Don Juan mantém uma estrutura recorrente: um nobre sedutor, que conquista freiras, mulheres casadas, viúvas ou prometidas, despertando assim a fúria de outros homens. Apesar das ameaças contra sua vida, anuncia que só morrerá pelas mãos de um morto. Um estudo comparativo dessas versões (BEZERRA; JUSTO, 2014) mostra um desfecho que se repete: em tom jocoso, Don Juan, confiante de sua irresistibilidade, convida uma estátua para jantar; surpreendentemente ela toma vida e aceita! E após o banquete, o arrasta ao inferno.

Se na época o conto funcionava como crítica moral à hipocrisia da aristocracia, Lacan o lê de outro modo: Don Juan encarna o que é “[...] o outro sexo, o sexo masculino, para as mulheres” (1972-1973, p. 19). Don Juan realiza a fantasia do que seria o masculino para as mulheres, ele as toma uma a uma, como Miller em *Uma conversa sobre o amor* (2010) esclarece “De certo modo, poder-se-ia dizer que nesse caso Don Juan seria o antiperverso por excelência, aquele que poderia reconhecer A mulher como tal” (p. 12).” Miller coloca que bastaria ser mulher para ser desejada por esse homem, Don Juan; Ele é um mito de um homem que têm uma abertura ao infinito das suas condições de escolha do objeto de amor.

Essas condições da escolha do objeto são exploradas por Freud na sua trilogia de artigos intitulados *Contribuições à psicologia do amor* (1910-1917), retomadas por Miller para separar gozo de

amor. O objeto de amor seria i(a), a imagem de um outro ser humano que envelopa o objeto causa de desejo, contudo quando não é um Outro que envelope esse objeto, se é um objeto material, por exemplo, não é amor, é gozo.

O amor realizaria assim uma substituição, metáfora, enquanto o gozo não opera substituições, mas eles não deixam de se articular de uma certa forma.

É o que Freud esclareceria ao falar sobre a degradação do objeto amoroso do ponto de vista masculino, que degrada o objeto feminino para poder gozar dele, Miller aponta aqui a clivagem entre a mulher e o feminino.

As condições do amor de cada sujeito é o que diferencia os seres humanos do reino natural, não haveria nada natural no amor, no reino animal basta apresentas dois parceiros da mesma espécie para que a cópula aconteça, o mito de Don Juan é a fantasia de um homem que funcionaria nesse registro. Assim, é o amor que refreia o gozo, articula ele a lógica significante – toma o objeto feminino como santa ou puta, por exemplo – permitindo ao sujeito entrar na lógica do desejo do Outro.

Contudo, há um resto não simbolizável, que escapa a lógica do significante, o mais-de-gozar, que Miller também rastreia em Freud, quando este fala sobre o insubstituível dentro do inconsciente, esse insubstituível é o gozo como inesquecível, a impossibilidade do aparelho psíquico de encontrar uma plena satisfação. Dessa forma, a articulação do ser sexuado com seu gozo não é tomada completamente pela operação do amor. Porque o “que diz respeito [...] ao ser que se colocaria como absoluto, não é jamais senão a fratura, [...] a interrupção da fórmula ser sexuado, no que o ser sexuado está interessado no gozo” (LACAN, 1972-1973, p.20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZZERA, P. V; JUSTO, J. S. “Don Juan e a subjetividade moderna”. In: *INTERthesis*. Vol. 11 – N.02, 2014. pp.72-95.
- FREUD, S. (1910-1917) “Contribuições à psicologia do amor”. In: FREUD, S. *Obras completas volume 9 – observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. pp.259-303.
- LACAN, J. (1972-1973) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Texto estabelecido por J-A. Miller. Trad. M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- MILLER, J-A. “Uma conversa sobre o amor”. In: *Opção lacaniana nova série online*. Ano 1 – Número 2- Julho, 2010.

O neologismo lacaniano *condanção*, o corpo e a dança

Ana Paula Oliveira

Prestes a finalizar a última lição do seminário 23: o *sinthoma*, Jacques Lacan cita a dança de

forma enigmática e engendra o neologismo *condanção*. O encontro com tal citação, somado a uma implicação de desejo de sua apreensão, levou-me a pesquisá-la a partir do objeto voz, ou seja, a partir da própria voz de Lacan (1975-76/2007). Para tal, lancei mão de sua indicação na primeira lição desse seminário: “no corpo, responde o que chamei de voz” (p. 19). Ali, ele assinala que o ouvido é o mais importante dos orifícios do corpo, pois não pode se cerrar. À vista disso, recorri à audição da sua transmissão de 11 de maio de 1976.

Assim, ouvi Lacan (1976/n.d.): “*Il y a quelque chose quand même dont on est tout à fait surpris, que ça ne serve pas plus, non pas au corps, mais que ça ne serve pas plus le corps comme tel, c’est la danse*”. Ao me deparar com essas palavras, no timbre de sua voz, ressoaram em mim dimensões sonoras compostas por alturas, durações, intensidades e ataques (Wisnik, 2016) junto a significantes, ruídos e silêncio, apontando para algo que, até então, eu não tinha conhecimento. Lacan joga com a regência do verbo servir, enfatizando em sua entonação que a dança não serve mais o corpo e não ao corpo como tal. Dentre as possibilidades de regência do verbo servir, temos sua transitividade direta e indireta nesse jogo: servir algo e à alguma coisa. A partir dessa escuta, me ocupei em tentar desvendar a dimensão do significante dança enquanto algo que nos surpreende totalmente, que não serve mais, não ao corpo, mas que não serve mais o corpo como tal. E enderecei essa investigação a alguns espaços, sendo o dispositivo de cartel um deles.

Vale ressaltar que, pouco antes dessa citação, Lacan (1975-76/2007) nos chama atenção para as relações do homem com o seu corpo, uma vez que o homem diz que o tem. E destaca que isso não tem nada a ver com a definição estrita de sujeito que se define “na medida em que é representado por um significante junto a outro significante” (p. 150). Importante lembrar que, no ano anterior, em *Joyce, o Sintoma*, Lacan (1975/2003, p. 561) escreve sobre o corpo, sendo que “é o ter, e não o ser, que o caracteriza”. Nesse texto, ele ainda apresenta a noção de sintoma como acontecimento de corpo e cria o neologismo *falasser* [*parlêtre*]. Este, supostamente, propõe substituir o inconsciente estruturado como uma linguagem sem prescindir dessa noção.

Posto isto, voltemos à questão percebida a partir da audição de sua voz, pois esta me provocou algumas hipóteses e indagações. Se a dança não serve mais o corpo, podemos pensar que já servira antes, em épocas remotas àquela em que Lacan a cita. Como por exemplo, na etologia enquanto costumes humanos. Ou, anteriormente, em seu primeiro ensino: o corpo imagem “do estágio do espelho, bem como do esquema ótico” (Rosa, 2022, p. 53) ou o corpo significantizado, lido no campo do simbólico. Mas, será que quando Lacan formula tal ideia, isso implica pensar o corpo que “como superfície de inscrição do gozo não para de fugir” (Laurent, 2016, p. 18)?

Sabemos que “para gozar, é preciso um corpo” (Lacan, 1971-72/2011, p. 28), assim como para dançar. “O

gozo é uma experiência de corpo que só pode ser sentida singularmente” (Veras, 2023, p. 23), que:

se inscreve numa série que inclui o êxtase, o transe, um ‘arrebato’¹, segundo a palavra de Marguerite Duras. Seu lugar é o corpo. No êxtase, o sujeito nada pode dizer. [...] Ele é isso, sem imagem e sem representação. [...] É manifestação de um corpo sem imagem, do qual o sujeito está ausente, fora dele” (Laurent, 2016, p. 17-8).

Desse modo, numa outra linha de encadeamento lógico, a partir da ideia de que a dança não serve mais, aludi que a dança não serve tanto. Então, serve outra coisa. Se a dança não serve tanto o corpo... Serve o gozo? Serve o Um enquanto “uma forma de pensar o que Lacan chamou, no final de seu ensino, de inconsciente real” (Alvarenga, 2015, p. 23)? Serve “o gozo reduzido ao acontecimento de corpo” (Miller, 2011, p. 45)? Serve o quê?

Retomando a transmissão de Lacan (1975-76/2005, 2007) neste recorte, ele segue adiante e cria um neologismo contendo o significante dança: “Isso permitiria escrever de um modo um pouco diferente o termo *condanção* [*condansation*]” (p. 150, 154). Nessa invenção, Lacan introduz uma figura de linguagem bastante abordada na primeira tópica freudiana: a condensação. Em *Conferências introdutórias à psicanálise*, Freud (1916-17/2014, p. 487) nos aponta que, “na formação dos sintomas, colaboram os mesmos processos do inconsciente que atuam na formação dos sonhos: a condensação e o deslocamento”. Diante disso, podemos vislumbrar que a *condanção*, se refere a algo que, no duplo circuito da libido e da palavra, está “no caminho que vai do sentido a algo além do sentido” (Miller, 2007, p. 469) na formação do sintoma? Sendo que no caminho do sentido (*Sinn*), há condensação e no caminho da formação de algo além do sentido ou de um sem sentido (*Bedeutung*), há gozo?

Por fim, poderíamos pensar que a *condanção* comporta um *pas-de-deux* da condensação do sintoma com o acontecimento de corpo experienciado na singularidade do *falasser*? Estabelecendo assim um encontro do ultimíssimo ensino de Lacan com a primeira instância da topologia freudiana? Afinal, o que será que Lacan nos transmite ao inventar tal neologismo servindo-se da dança?

Referências

- ALVARENGA, Elisa. “Sobre a perspectiva do conceito”. In: *Leituras do Seminário ...ou pior de Jacques Lacan*. (G. G. Gorski, M. J. S. Fuentes; Orgs). Salvador: Escola Brasileira de Psicanálise, 2015.
- DURAS, Marguerite. *Le ravissement de Lol V. Stein*. Paris: Gallimard, 1964.
- _____. *O deslumbramento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *A ausência de Lol V. Stein*. Lisboa: Editora Difel, 1989.
- _____. *O arrebato de Lol V. Stein*. Belo Horizonte: Relicário, 2023.
- FREUD, Sigmund. (1907). “O delírio e os sonhos na *Grävia* de W. Jessen”. In: *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Grävia, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- _____. (1916-1917). “Teoria geral das neuroses”. In *Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. (1971-1972). *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- _____. (1975). “Joyce, o Sintoma”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. (1975-1976). *Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. (1975-1976). *Le Séminaire, livre XXIII: le sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005.
- _____. (1976/n. d.). 11 *Sinthome* 11 5 76. In: *Patrick Valas. Audiophones de Jacques Lacan* [Áudio, 1:47 min]. http://www.valas.fr/IMG/mp3/11_sinthome_11_5_76.mp3
- LAURENT, Éric. *O Avesso da biopolítica. Uma escrita para o gozo*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- MILLER, Jacques-Alain. “Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo”. In: *Opção Lacaniana*. São Paulo: Eolia, nº 41, dezembro, 2004.
- _____. (1996). “Seminário sobre las vías de formación de los síntomas”. In: *Introducción a la clínica lacaniana: Conferencias em España*. Barcelona: Gredos, 2007.
- _____. (2011). *O ser e o Um*. Inédito.
- _____. (2015). As duas formas do parceiro-sintoma. In *O osso de uma análise + O inconsciente e o corpo falante* (pp-77-114). Rio de Janeiro: Zahar.
- Wisnik. (2016). “X Congresso da AMP Rio 2026. Episódio 3: “A ressonância: o som, o sentido, o tom e o ruído. Entrevista com José

1 O termo em francês é *ravissement* (Duras, 1964) e comporta noções de deslumbramento, ausência (1986, 1989) e “devastação” (Miller, 2015, p. 99). Laurent o referencia a partir da publicação durasiana francesa e do texto lacaniano onde nos é lembrada a orientação de Freud (1907/2015) que a arte precede a psicanálise.

Miguel Wisnik.". In: M. A. Vieira & S. Laia (Entrev.). In: Radio Lacan. Disponível em: <https://radiolacan.com/pt/podcast/x-congresso-da-amp-rio-2016/3>

ROSA, Márcia. "Foucault com Lacan: de qual corpo se trata?". In: *Psicanálise e biopolítica, de qual corpo se trata?*. (M. Rosa et al; Orgs.). Belo Horizonte: Labtrans-UFMG, 2022.

VERAS, Marcelo. *A morte de si*. São Paulo: Editora Bregantini, 2023.

14h às 15h

Mesa 1 – A Psicose e os Novos Arranjos

UMA ESTABILIZAÇÃO NEM TÃO BOA ASSIM

Samuel Freitas

“chumbo na malha”

Algo da ordem de uma certeza dirige a demanda de Camille ao PSIU. A primeira das seis entrevistas, realizadas por vídeo chamada pelo whatsapp, permitirá localizar o significante que ao emergir provocará uma ruptura. Falo de ruptura uma vez que a partir desse encontro, as vivências de Camille se organizarão em torno desse significante, que assume um caráter inundante e adquire para ela valor de enigma, emperrando a significação e se repetindo incessantemente sem que daí ela possa extrair algum sentido. Trata-se de um significante que vem do Outro, precisamente do discurso psiquiátrico, um diagnóstico ou um “CID”, como Camille mesmo diz (LACAN, 1985).

Às voltas com esse S1 que se precipita em angústia, Camille demanda uma confirmação desse diagnóstico, o que teria para ela um valor catastrófico, algo como uma maldição. Entre a certeza e o pedido de confirmação do Outro, um intervalo parece se abrir com a oferta de um lugar para falar. Camille conta que foi a um serviço público marcar um psiquiatra, mas teve dificuldades em conseguir lidar com a burocracia da instituição, teria de voltar outro dia, agendar, esperar sua vez. Ela me pergunta o que eu acho dela procurar outra vez esse serviço, respondo que já estamos falando sobre o assunto e que podemos continuar a falar disso.

Essa abertura à palavra, a meu ver, produz já algum apaziguamento. Fico sabendo que seus sintomas começaram na adolescência: um medo de dormir e ter pesadelos, uma tristeza sem explicação, comportamentos de risco, onde ela se colocava em situações de perigo, chegando a sofrer alguns tipos de *violência*. Dessa época restou um mal estar no corpo e uma dificuldade para dormir, ambas ligadas ao objeto oral. Atualmente, sente o corpo cansado, vive indisposta, fica dias sem cuidar das obrigações domésticas e às vezes até sem se cuidar. Sabemos, com Miller, da relação estreita entre o humor e o gozo, e como o humor pode servir como uma bússola para precisar algo do que chamamos “sentimento de vida do sujeito”. Sentimento que pode se encontrar, como no caso, em grande desordem (MARRET-MALEVAL, 2017; MILLER, 2010).

Mas nem tudo é tragédia. Camille, que se queixa repetidamente de não saber do que gosta, “nem [é] tão boa assim”, conta que gosta de fazer penteados nas pessoas. Anunciando assim, uma possível direção para seu tratamento.

“Fazer com as mãos”

As variações de humor tomarão parte de suas entrevistas seguintes, relatos de dias com muita energia, onde compra sem pensar coisas de que não precisa e que depois tem de jogar fora; com dias de pouca energia, quando o corpo não responde, não consegue se levantar, tem que passar o dia deitada, acompanhada por pensamentos ruins. Em outros momentos, sai andando a esmo, perdida em seus pensamentos, até se encontrar já distante de casa. Esses pensamentos são de morte e de ruína. É então que Camille conta: depois da

primeira entrevista criou para si um objeto e o desenhou em sua casa. Trata-se do mesmo objeto desenhado em seu corpo quando sente uma dor ou um mal-estar. Esse signo, feito com as mãos, é uma invenção que tem a função de proteção. Proteção contra o olhar invasivo de algumas pessoas de seu convívio, olhar do Outro, marcado pela inveja. A inveja aqui situada na vizinhança do horror (MILLER, 2003).

Diante de meu silêncio sobre uma situação que podia ter terminado em uma passagem ao ato, Camille me pergunta qual a minha opinião sobre o quase acontecido. Respondo que parece que ela está inventando um jeito de lidar com isso. Muito satisfeita com minha resposta, marcamos um próximo encontro..., que ela falta.

O encontro seguinte, que eu irei resumir, é marcado pelo relato de uma vivência inefável, de onde brota o significativo “muda”, e de onde também emerge uma recordação infantil. Essa recordação, por sua vez, é associada a um conjunto de situações cotidianas já vividas, lembranças, relatos encadeados em torno desse mesmo significativo. Esse encadeamento de cenas, produz, a meu ver, uma linha do tempo, um enlaçamento formado por pedaços de história, antes dispersos. A presença desse significativo, singular para esse sujeito, pinçado pelo seu valor carregado de sentido, poderia ser lida como um efeito de seu trabalho analítico? Qual seria o seu estatuto? Outra pergunta me ocorre: poderia esse significativo ser situado em relação àquele do discurso psiquiátrico, presente em sua demanda, que a precipitou até essa experiência de fala?

Nos termos de uma possível estabilização, alguns efeitos podem ser recolhidos. Ao fim desse mesmo encontro, Camille conta da decisão de criar uma página para prestar um serviço, feito com as mãos, para pessoas interessadas. Conta também de uma mudança dos lugares que costumava frequentar e de ter retomado contato com uma pessoa importante pra ela. Digo, então, que o próximo encontro será o fechamento desse ciclo de atendimentos, ao que ela consente com entusiasmo..., e falta, não sem justificar que o motivo foi ter encontrado uma inscrição mais estável no campo do Outro. Me despeço lembrando que ela tem meu número.

Chamamos de amarração quando um sujeito consegue forjar para si um lugar no Outro. Um lugar que se sustente, mesmo que não saibamos o motivo, e que permita uma estabilização, mais ou menos eficaz, duradoura ou não, boa ou “nem tão boa assim” (VIEIRA, 2019)

Obrigado.

CASO atendido por mim, **Samuel Freitas**, fruto do trabalho do Cartel “Psicanálise por um Fio” composto por mim, José Augusto Rocha, Isamara Lima, Vera Trabbold, Rodrigo Almeida e Luiz Felipe Monteiro (Mais-Um).

REFERÊNCIAS

LACAN, Jacques. O seminário, livro 3: *As psicoses*. [Versão brasileira de Aluísio Menezes].

Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1955-1956.

MARRET-MALEVAL, Sophie. A junção íntima do sentimento de vida. *Opção Lacaniana*

Online, ano 8, n. 23, jul. 2017. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_23/A_juncao_intima_do_sentimento_de_vida.pdf. Acesso em: 2 jun. 2025.

MILLER, Jacques-Alain. A invenção psicótica. In: *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo, n. 36, maio 2003, p. 6-16.

MILLER, Jacques-Alain. A salvação pelos dejetos. In: *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, n. 67, dez. 2010.

VIEIRA, M. A. Quando “está amarrado” (ça tient). *Opção Lacaniana*, n. 80/81, maio 2019.

O cartel pode nos servir de infinitas formas. O que mais me chama atenção nesse dispositivo é o modo como nos deparamos com nossas questões de forma íntima e particular e, ao mesmo tempo, compartilhada. Participei recentemente de um cartel que teve como guia principal o significante **psicoses**. Esse significante marca meu corpo, nosso corpo, e acompanhou o curso dos encontros até sua finalização. É curioso como, em certos momentos, o **Outro** interferia, produzindo fenômenos elementares, alterações de funções e metáforas delirantes. Os delírios dos casos estudados se misturavam com nosso sintoma; o desenganchamento e a errância ressoavam como ausências; e até mesmo a passagem ao ato parecia dialogar com o fim do cartel.

Busquei o cartel motivado por uma questão diante da Deficiência Intelectual, diagnóstico frequentemente recebido por pacientes — em sua maioria psicóticos — que atendo em uma instituição na Paraíba. Esses sujeitos, ao chegarem a essa instituição, são lidos a partir de um déficit intelectual em relação ao saber escolar. As equipes do setor diagnóstico interpretam, por meio de testes, comportamentos e diálogos com os familiares, as dificuldades desses pacientes com o letramento escolar e, a partir disso, eles acabam recebendo esse CID. O que não é absorvido ou não desperta interesse nesses sujeitos é diagnosticado e, em seguida, direcionado a outros setores com equipes multiprofissionais, a fim de iniciar um processo de reabilitação. Esse processo se sustenta na promessa/tentativa de aprender a ler, a escrever, a ser independente, enfim, de “ser gente”.

Na história — sombria — das psicoses, é redundante afirmar que esses sujeitos sempre foram colocados “de lado”. Não se busca dar ouvidos ao que a loucura tem a dizer. Nas psicoses infantis inseridas no contexto escolar, a segregação se apresenta como sintoma. Profissionais autorizados por essa mesma segregação tratam essas crianças como objetos, como se houvesse algo de “especial” nisso. Para além da exclusão, desconsidera-se a construção subjetiva — única — desses alunos, no que poderiam aprender diante da vida. Exclui-se, assim, a possibilidade de inventar um sintoma próprio diante do saber (Santiago, 2005).

Mas, afinal, existe diferença entre psicose e deficiência intelectual? Ana Lydia Santiago (2005), em seu livro *A Inibição Intelectual na Psicanálise*, propõe uma separação entre ambos. A partir de um extenso material — fruto de casos clínicos e de sua tese de doutorado — a autora nos coloca diante do significante *inibição*. Esse é o primeiro ponto importante para nos aproximarmos do conceito psicanalítico e, ao mesmo tempo, nos distanciarmos das nomeações psiquiátricas. Ao separar os conceitos, compreendemos que a inibição pode estar presente em todas as estruturas clínicas. Ou seja, em cada uma delas, com características singulares e diversas, a posição subjetiva dos sujeitos, independentemente da clínica em que se inscrevem, pode sofrer de inibição intelectual.

Na obra de Freud, não encontramos uma teorização específica sobre a “inibição intelectual”. Entretanto, sobre a inibição em si, Freud produziu diversos textos que se tornaram referência para os estudos analíticos. *Inibição, sintoma e angústia*, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e o emblemático caso do pequeno

Hans são alguns exemplos do vasto material que inaugura os conceitos que, mais tarde, se desdobraram em peças fundamentais para se chegar ao conceito de inibição intelectual. Outros autores importantes, como Melanie Klein e Jacques Lacan, também dedicaram seus estudos à temática.

No meu percurso de estudos sobre as psicoses infantis e a inibição intelectual, algo retorna quase como um looping de montanha-russa ao me deparar com o livro de Ana Lydia. Ao lê-lo, um significante antigo, mas até então desconhecido, salta diante das minhas questões: *inibição*. Sobre ele, percebo a necessidade de mais trabalho, mais investigação e maior implicação, para que algo possa ser elaborado. Lembro que, no momento de encerramento do cartel, diversas questões permaneceram abertas sobre o tratamento das psicoses infantis — e que bom que ficaram. Agora, ao produzir este texto, outros questionamentos, já latentes, emergem em minha escrita, em meus sonhos e em minha fala. Afinal, o cartel pode nos servir de infinitas formas: ao mesmo tempo em que nos coloca diante de questões muito íntimas e particulares, também nos convoca a partilhá-las.

Referências

SANTIAGO, Ana Lydia. *A Inibição Intelectual na Psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Zahar, 2005. 232 p. ISBN 978-8571108288.

Psicose ordinária: Uma contribuição para uma clínica continuísta

Sarah Ruth Ferreira Fernandes

A psicose ordinária e seus enlaces

O presente texto é produto de minha participação no cartel *A psicose ordinária e seus enlaces*, o qual teve início em abril de 2024 e término em setembro de 2025, e teve como Mais-Um a psicanalista Liège Uchôa. O pensamento biologicista e meramente descritivo sobre o sofrimento humano, que produz categorias baseadas num conjunto sintomatológicos, às quais se oferecem respostas protocolares, sem a escuta do sujeito e a reificação das categorias diagnósticas é o cenário que mobiliza minha escrita. O papel da Psicanálise não é de desfazer o que ocorre na cultura, contudo, pode oferecer uma leitura sobre os fenômenos do contemporâneo a partir de uma clínica da singularidade.

Psicose ordinária é o nome inventado por Miller para *driblar a rigidez de uma clínica binária*, na qual o analista situava, de forma descontínua, seu paciente ou no lado da psicose ou da neurose. Ana Lydia Santiago¹, nos esclarece sobre o contexto do uso do termo por Miller no final da década de 1990. Surgia na clínica casos que colocavam os analistas em um impasse sobre a decisão diagnóstica, pois os sintomas clássicos do campo da psicose estavam dando lugar a sintomas novos, mais discretos. Enquanto a psiquiatria optou por encaixar esses casos sob a categoria *borderline*; com a contribuição de Miller, questiona-se a rigidez da clínica estrutural, apontando a insuficiência da primeira clínica lacaniana e a necessidade de uma nova. A última clínica de orientação lacaniana observa o desmonte dos grandes ideais sociais e a consequente pluralização do Nome-do-Pai.

A clínica da função paterna confrontou novos casos, em que a definição da presença ou não do operador Nome-do-Pai ficara nebulosa. A função paterna é foracluída no laço social hoje, de forma que cabe a cada *fallasser*, por meio de seu sintoma, inventar suas saídas singulares para amarrar real, simbólico e imaginário, barrando seu gozo: «É exatamente essa dimensão do sintoma como uma amarração possível que norteia a condução do tratamento do analista lacaniano até que seja possível uma definição diagnóstica²».

Os arranjos que não ocorrem conforme o Nome-do-Pai, não são, portanto, déficits, mas sim uma forma possível de organização da realidade. Qual a forma que o sujeito tem de estabilizar o seu modo de gozo singular? Eis a orientação para o analista!

Desse modo, a psicose ordinária, é um reposicionamento, segundo Miller, que indica que a clí-

1 Santiago, Ana Lydia. (1998). Os casos raros, inclassificáveis da clínica psicanalítica. Biblioteca ao vivo – EBP-MG

2 (Santiago, p. 118).

nica deve se basear para além da metáfora paterna. Essa concepção põe em cena muito mais as invenções singulares do que o funcionamento constitutivo do *falasser*.

Brodsky³, pontua, contudo, que não devemos renunciar à aposta na estrutura. A importância da estrutura não é por um espírito classificatório, mas “[...] as intervenções do analista que têm como meta limitar o gozo, diferem daquela que tem como meta a análise da repressão” (p. 15). A psicose ordinária, portanto, confere uma mudança epistemológica e um projeto de investigação sobre o laço social na contemporaneidade.

Concluo percebendo a atualidade do último Lacan e a contribuição de Miller. O Nome-do-Pai se enfraquece como índice da estruturação subjetiva, o Outro perde consistência diante do imperativo capitalista: goze! E, então, o *falasser* precisa criar suas soluções (suplências) para ligar Desejo e Gozo, que é o *Sinthoma* (invenção de cada um). O Nome-do-Pai abre lugar para um *nomear-se*, de maneira que a identificação aos diagnósticos psiquiátricos tem sido um modo de fazer laço. O cenário de que falei no início deste texto, portanto, não deve fazer supor uma forma de suplantar o contemporâneo, afinal, como diria Miller, *todos os nossos discursos não passam de uma defesa contra o Real*⁴. Mas permite-me a crítica: esse modo classificatório, é uma universalização e aponta para uma homogeneização das diferenças. Daí a atualidade da clínica lacaniana continuísta: trata-se de escutar o singular.

3 Brodsky, Graciela. (2011). Loucuras discretas: um seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias. Belo Horizonte: Scriptum livros.

4 Miller, Jacques-Alain. (1996). “Clínica irônica”. In Matemas I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 190.

Entre Nós e Enlaces: Tessituras sobre a Psicose Ordinária

Ísis Maurício

Apresento neste texto o produto do Cartel intitulado: “A psicose ordinária e seus enlaces” que aconteceu inter-seções e participaram como cartelizantes: Janayna Araújo, Patrícia Braconi e Sarah Ruth, sendo a mais-um a analista membro da seção nordeste Liège Uchôa.

O primeiro ponto que destaco é que essa foi a minha primeira experiência de cartel que caminhou através dos tempos de ver, compreender e concluir, ou seja, é a minha primeira experiência de escrita de um produto fruto de um cartel. Não posso deixar de pontuar que me interoguei bastante sobre o que se escreve em um produto? Como colocar em palavras um saber inédito e singular, mas que é não-todo e tem efeito de formação? Como elaborar um percurso construído no coletivo, mas que diz de um lugar extremamente singular? Como endereçar à Escola este produto inacabado e que se propõe a abrir mais questões do que respondê-las?

Opto por iniciar minha escrita contando um pouco do caminho para a formação deste cartel. Após algumas tentativas de formações que não conseguiam se estabelecer na lógica do cartel, como dispositivo de formação da Escola de Lacan; estava facilitando uma atividade da diretoria de cartel da SNE, Procura-se Cartel, quando o tema da psicose ordinária surgiu. A contingência do surgimento de um tema que me despertava curiosidade, principalmente após alguns estudos sobre a psicose extraordinária me tomou e aceitei o que me parecia ser tão disponível, fácil e acessível. Diferente de todas as minhas experiências anteriores.

A questão da clínica dos nós, da direção do último ensino de Lacan (1975-1976/2007) para uma clínica que considera os registros real, simbólico e imaginário como equivalentes em ordem de importância para o trabalho clínico já me despertava interesse. Principalmente por subverter a ideia de que a psicose se tratava de déficit no funcionamento simbólico, uma falha na capacidade do sujeito de simbolizar e de se inscrever no campo do simbólico.

Na psicose, a relação com o Outro é marcada pela forclusão do Nome-do-Pai, o significante que introduz o sujeito na ordem simbólica, resultando em uma relação transferencial predominantemente imaginária, o que pode ocasionar uma colagem entre o eu e o outro e que faz o sujeito se apresentar ao mundo por uma relação em espelho, se colocando diante do outro como objeto (Lacan, 1955-1956/1988).

Lacan refere que o registro simbólico não consegue significar todas as experiências, e o que é recusado na ordem simbólica retorna no registro do real (Lacan, 1955-1956/1988), sendo as alucinações e os delírios sintomas do desencadeamento psicótico.

Entretanto, alguns casos que não seguem a regra do desencadeamento clássico começam a parecer na clínica, inicialmente considerados raros e outrora definidos como “ordinário” por Miller (2005). “A noção de

psicose ordinária nos permite tomar em conta os casos de psicose que não apresentam um desencadeamento evidente nem uma estrutura delirante bem formada, mas que, no entanto, não funcionam segundo a lógica da neurose” (Miller, 2012). Assim sendo, a psicose marcada pela forclusão do significante do Nome-do-Pai é revisitada na categoria clínica da psicose ordinária.

Já no final do seu ensino, Lacan (1975-1976/2007) vai trazer que o Sinthoma é uma solução singular do sujeito que funciona como uma quarta amarração entre os registros real, simbólico e imaginário, como forma de estabilização. Dessa forma, o sinthoma é uma construção subjetiva que o falasser encontra para lidar de modo criativo com os desenlaces dos registros, sendo esse uma forma de existência no mundo.

É nesse ponto entre psicose ordinária e sinthoma que apresento minha questão: como o trabalho analítico favorece a construção do sinthoma na psicose ordinária? Na clínica dos nós cada falasser (Lacan, 1972-73, *Seminário 20*) apresenta um modo singular de gozo e a direção do tratamento aparece como um ato ético guiado pelo desejo do analista e norteado pela estrutura do sujeito. Na direção do seu último ensino Lacan nos orienta a não interpretar e dissolver os sintomas, mas construir um Sinthoma como solução subjetiva para lidar com o mal-estar. “O sinthoma não se interpreta, se lê” (Lacan, *Seminário 23*).

Cabe ao analista passar do deciframento do inconsciente ao manejo do real do gozo e de sustentar o que há de irredutível no modo de gozar de cada sujeito, ou seja, suportar a invenção singular, construindo o sinthoma como modo próprio de estabilização do gozo. Invenção assume um destaque, passando a ser um significante que marca a posição do analista em tempos de nevoeiros.

Subvertendo a lógica da contemporaneidade pautada na rapidez, nas respostas prontas e no apagamento da singularidade, marco o final da minha escrita com esse saber inédito (para mim), mas que não pretende responder a questão e sim sustentar a causa analítica, marcando o lugar do não-saber e a transferência de trabalho com a Escola.

REFERÊNCIAS

LACAN, J. **O Seminário**, livro 3: as psicoses (1955-1956). 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário**, livro 20: mais, ainda (Encore). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução de Marcelo Marques. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. **O Seminário**, livro 23: o sinthoma (1975-1976). Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MILLER, Jacques-Alain. **A psicose ordinária: a convenção de Antibes**. Organização de Maria do Carmo Dias Batista e Sérgio Laia; tradução de José Luiz Gaglianoni, Lourenço Astúa de Moraes, Maria da Glória Magalhães e Sandra Arruda Grostein. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.

15h às 16h

Mesa 2 – Saber Fazer com o Real

“Não se trata de receber o real, mas de dar forma aos efeitos que ele produz no sujeito.”

Jacques Lacan

O cartel foi, para mim, uma experiência inaugural de pesquisa nos termos formulados por Lacan. Pouco tempo depois de me graduar em Psicologia, tive a oportunidade de adentrar em um cartel sobre as psicoses, tema que me convoca desde a graduação e que, não por acaso, sustentou meu trabalho de conclusão de curso. Trata-se de um significante que perpassa meu sintoma, e que retorna agora em outros pontos do meu percurso, inclusive na minha prática profissional enquanto psicóloga do CAPS AD.

Naquele momento, cheguei com uma pergunta que me inquietava: qual o lugar do corpo na relação com a substância? Seriam os toxicômanos todos psicóticos? A questão se desdobrava a partir da leitura de *A droga do toxicômano*¹, de Jesus Santiago (2001), em que ele propõe uma vizinhança muito próxima entre psicose e toxicomania. Santiago retoma Freud em *O mal-estar na civilização*² para situar como o laço do toxicômano com a droga responde a uma demanda pulsional que se furta à lógica da sublimação, deslocando a economia libidinal para a substância. O que me intrigava, então, era a relação do corpo toxicômano com a droga, e até onde esse enlaçamento poderia indicar um funcionamento psicótico, visto que essa relação representa um rompimento do casamento neurótico com o falo.

O cartel, no entanto, não se mostrou como eu esperava. Acostumada ao modelo acadêmico, me desconcertei com a dinâmica. Qual é o lugar do mais-um? O que se faz, afinal, em um cartel? Nas reuniões, discutimos os textos propostos pelos cartelizantes — alguns foram instigantes, outros nem tanto. Entre eles, *Saúde mental e ordem pública*³, de Jacques-Alain Miller, que me marcou pelo modo como desloca a psicanálise do campo da saúde mental para o da responsabilidade do sujeito. Outro texto, *Devastação na psicose*⁴ de Elisa Alvarenga, gerou controvérsia: alguns se reconheceram no que era proposto, outros não conseguiram localizar a devastação. Essa discordância evidencia algo fundamental do cartel, que até aí me parecia difuso: não se trata de uma unanimidade de grupo, mas de abrir espaço para leituras singulares.

1 SANTIAGO, Jesús. *A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência*. Campo Freudiano no Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

2 FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização (1930 [1929])*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

3 MILLER, Jacques-Alain. *Saúde mental e ordem pública*. *Curinga: Psicanálise e Saúde Mental*, Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, n. 13, p. 20–31, set. 1999.

4 ALVARENGA, Elisa. *Devastação na psicose*. *Clique – Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano*, Belo Horizonte, n. 2, p. 44–49, ago. 2003.

Em muitos momentos do cartel me vinha em mente o texto freudiano *Os arruinados pelo êxito*⁵, no qual Freud localiza o paradoxo em que a própria realização de um desejo pode ser acompanhada de angústia. Essa articulação me fazia pensar na diferença em relação à toxicomania, pois nela, a satisfação parece não se enlaçar à angústia, mas à repetição automática da busca pela substância. No entanto, percebi que essa diferença não era “teórica” apenas, ela atravessava meu próprio sintoma. Lacan nos lembra que toda pesquisa psicanalítica é necessariamente atravessada pelo sintoma de quem a escreve, e eu não poderia ter constatado isso de forma mais direta.

Na última reunião, antes que o cartel se dissolvesse prematuramente por dificuldades de agenda, um colega levantou a hipótese de que o clima denso vinha do próprio tema das psicoses. De fato, a psicose materializa o real que invade, e não cede facilmente à elaboração. Mas para mim, não se tratava apenas do tema, o que me parecia é que havia algo na experiência que me colocava diante de um não-saber radical, produzindo esse tal desconforto.

O cartel terminou antes do tempo que havíamos pensado de início. Seria um fracasso? Talvez. Mas é justamente aí que se toca o real da formação. O cartel não tem por objetivo a produção coletiva, mas a extração singular. Como nos lembra Miller (1999), o mais-um está aí para impedir que o cartel se estabilize como grupo. Se essa função se perde, seja por um mais-um que encarna o saber, seja por identificações entre os membros, o cartel tende à paralisia. Pois então, o fracasso, nesse sentido, também é formativo.

Ainda assim, a experiência desconfortante não paralisou meu desejo de formação. Foi necessário um tempo para que eu pudesse elaborar algo da experiência, sim, mas pelo contrário: a possibilidade de entrada em mais um cartel chegou para mim com muito entusiasmo. Posso dizer que o desconforto gerado pela primeira experiência me remeteu à vontade de tentar novamente, de verificar se “era isso mesmo” e, sobretudo, de me dar uma chance de fazer diferente. Penso que é justamente esse o espírito do dispositivo. Lacan o propõe como uma das ferramentas mais importantes de formação do analista, pois é a partir dessas diferentes experiências diante do saber que cada um encontra uma mola propulsora para inventar seu próprio estilo.

No meu caso, não posso deixar de nomear a inibição como um dos fatores de possível “fracasso” do cartel, no sentido de ter me impedido de extrair mais. Mas não considero que o cartel fracassou totalmente, afinal, houveram efeitos de deslocamento, além de produtos advindos dessa experiência. Sigo com a impressão de que, em ambos os casos, o que está em jogo é menos o produto final e mais o que se extrai no percurso, entre mal-entendidos, deslocamentos e os restos de cada um.

5 FREUD, Sigmund. Os arruinados pelo êxito. In: FREUD, Sigmund. *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (II)*. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 357-374.

Quem testemunha um final?

Pauleska Asevedo Nobrega

Tema do cartel: O passe e o fim de análise

Cartelizantes: Heloisa Silva, Eliana Figueiredo e Tatiana C. Vidotti

O não pertencimento ou a não identificação do autor ao seu texto no testemunho de passe traz à tona para mim a pergunta: Existe autor no testemunho de um final de análise?

Foucault (2018/1969), aproxima a noção de autor à não exaltação do escritor, mas à abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer. O percurso de uma análise também pode apontar para uma espécie de desaparecimento do sujeito do inconsciente. A invenção que está posta do lado do sintoma dá acesso ao que está escrito, o que Lacan irá aproximar do impossível do real do gozo. No Seminário 20, dirá que o escrito tem uma função orientada ao real, se produz debaixo da barra S/s a partir da operação de corte que desarticula significante de significado, dando lugar aos efeitos do inconsciente. É esse escrito que insere um litoral no corpo falante conectando-o diretamente ao gozo como uma borda que rompe com o imaginário unificante e jubiloso do corpo. Para Lacan, a escrita depende da fala e assim é uma maneira de entrar no discurso a partir da leitura do que se ouve do significante. Na espécie humana, "(...) tudo que é escrito decorre do fato de que será para sempre impossível escrever como tal a relação sexual". Por isso, homem e mulher apenas se escrevem como semblantes de um gozo fálico, conforme as fórmulas lacanianas da sexualização, afirma Elisa Alvarenga (2023, p.43). A linguagem elevada ao nível da existência, seria o que Lacan chama de escrito, mais próximo de um lapso como formação do inconsciente e mais distante do ser. Assim como a poesia, o escrito se produz a partir da ruptura com os semblantes, com o que faz furo no sentido.

No entanto, enquanto resto dessa escrita, o significante reduzido à letra não será jamais lido, ou seja, não está na dimensão do inconsciente interpretável e é esse desalojamento que a psicanálise parece testemunhar. Desse modo, o testemunho estaria mais articulado com a contingência do que com o suposto saber de uma escrita autoral. Mesmo que não seja sem uma autoria, em um testemunho a função do escrito é delimitada contingencialmente por um fim (um saber fazer com ele) a partir do sintoma.

Uma vez que o autor poderia ser considerado aquele que produz efeitos de sentido ou mesmo, aquele que produz significantes mestres ao infinito para fazer existir a relação sexual, o testemunhar é do fracasso da relação sexual entre os seres falantes encarnado pela linguagem enquanto impossível de um lado e suplência, de outro. Puro equívoco, pois ao se descolar do sentido, a letra se torna dejetivo, é rasura de um traço que não estava lá. Em Lituraterra (2003/1971), Lacan dirá que ela é o "desenho da borda do furo no saber", inaugurando aí um litoral entre saber e gozo, a dimensão do escrito.

Luciana Varela sublinha em "Leer y escribir en Psicoanálisis: Pontuações Millerianas", que a leitura do próprio caso em um testemunho traz a "Escritura do furo no saber, suplência nominativa asubjetiva que já não pertence ao analisante senão à comunidade analítica" (p.113). Para o inconsciente que se escreve em uma ex-

perência analítica a transmissão está na maneira de ler o real do gozo, isto é, o ilegível, mas que não é inefável. O final é sobre uma redução que toca a existência de uma escritura.

Miller (2004, p. 12 e 15), lembrando o filósofo 9Heidegger, dirá que o significante é sem corpo como “a pedra é sem mundo”. A pedra também é sem caminhos, diz ele, diferente da proposta poética de Carlos Drummond de Andrade no verso “No meio do caminho tinha uma pedra”. O saber no corpo de que isso goza é tomado como referência ao que dá vida à libra de carne como letra, visto que não há saber próprio ao funcionamento significante.

Ao citar o poema de 1846, *Le lézard* (O lagarto) do poeta francês Lamartine, Miller faz a ressalva de que esse ser vivo, o lagarto, dormia sobre uma pedra nas ruínas do Coliseu cujas letras foram impedidas de serem lidas devido a essa presença, mesmo se tratando do nome do imperador ali escrito. Miller (2004, p.24) situa que este “(...) é um lagarto que tem relação com o significante por intermédio da pedra”. É por meio de uma matéria incorpórea, inanimada que o ser vivo faz um corpo e até se diferencia do que só se anuncia pela via da mortificação e é intransmutável, mas que pode ser lido através da linguagem, mesmo que jamais o seja inteiramente. Já que a entrada no mundo simbólico cobra a incorporação de “um sem mundo” inominável conforme a biologia lacaniana.

O canônico da letra está no compromisso em fazer comparecer o real enquanto o sujeito desfalece. Em seu lugar, um significante reduzido à coisa. O impensável e sem brilho de um passante em sua travessia única, fundamento do real que foralutou o sentido. O que a linguagem não dá conta, é escritura, modo de gozo de lalingua, dialeto próprio formado no âmago do real do gozo. Testemunha-se, pois, um modo de gozar enlaçado com o que se perdeu? “Um nomear para” de cada sinthoma, de cada relação entre o sinthoma e o inconsciente (desabonado)?

Referências Bibliográficas

- ALVARENGA, Elisa. (2023). A função da escrita. Letra, escrito e interpretação. In: *Revista Curinga*, Belo Horizonte: EBP – MG, n. 55, p. 10-176.
- FOUCAULT, Michel. (1969). *O que é um autor?* Nova Vega: Lisboa, p. 35, 2018.
- LACAN, J., “Lituraterra”. In: *Outros Escritos* (1971). Editora Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2003.
- LACAN, Jacques. (1972-1973) *O Seminário. Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- MILLER, J-A. Biologia lacaniana e acontecimentos de corpo. In: *Opção Lacaniana*, São Paulo: Eolia, n.41, dez. 2004, p. 7-67.
- VARELA, Luciana. (2022). In: *Leserre, A. et. al. Leer y escribir en Psicoanálisis: Puntuaciones Millerianas*, Grama ediciones, p. 113.

O cartel entre discursos: qual o saber em questão?

Ana Paula Menezes

A vontade de escrever para essa Jornada se deu em um contexto no qual os efeitos do trabalho no cartel puderam ressoar para mim para além do tema sobre o qual eu me detinha, juntamente com outros colegas, há pouco mais de um ano. Este tema, que de modo mais amplo reuniu um interesse em comum pela psico-se, desdobrava-se em meu caso de um trabalho universitário sobre a estabilização nessa estrutura. Durante algum tempo, eu acreditava que as duas investigações, no cartel e na universidade, poderiam caminhar de modo quase que paralelo, como se se tratasse principalmente de fazer avançar o tema, me fazendo valer, para tanto, desses dois espaços.

A experiência do cartel, contudo, tem incidido sobre um outro ponto que me parece ainda mais fundamental testemunhar, com efeitos em minha formação: a operação na própria relação com o saber. O cartel parece tornar ainda mais evidente, na prática, a separação do discurso universitário ao discurso analítico. O primeiro deles, conforme desenvolveu Lacan (1969-1970/2012), situa o saber como *agente* que, desse lugar, se dirige ao *outro* como um objeto que se pretende dominar, destrinchar a partir de uma significação a ser dada pelos universitários-especialistas. Sob essa lógica, saber e verdade encontram-se disjuntos, bem como enunciado e enunciação: pretende-se tudo querer saber, como se o objeto pudesse ser inteiramente apreendido. O produto é, precisamente, o contrário disso: ao discurso universitário, resta o sujeito dividido.

Mas ao lugar do Mais-Um, como aponta Briole (2010), se não é reservado o lugar de mestre – lógica comum ao discurso que leva esse nome e também ao universitário –, tampouco lhe cabe o lugar de analista. Miller (2010), em “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada” vai trazer uma releitura dos quatro discursos que estabelece os seguintes lugares: o agente como *provocação*, o outro como *elaboração*, a *produção* mesma como produto e a *evocação* como o lugar de verdade. Em torno dessa argumentação, vai dizer do discurso da histórica como estrutura que melhor corresponderia, em sua experiência, à lógica de trabalho do cartel.

Na leitura do autor, pensar a lógica discursiva presente em um cartel como análoga ao discurso da histórica significa colocar todos os seus membros, inclusive o Mais-Um, a trabalhar por uma causa subjetiva. Nesse sentido, o lugar de *provocação* acima mencionado poderia ser ocupado por qualquer um dos membros do cartel. Essa relação lógica conjugaria, dessa forma, uma outra articulação entre saber e verdade, que situa o S2 como o produto de um discurso que tem o objeto *a* no lugar da verdade, isto é, como causa. Como sabemos, esta é uma posição presente também ao início de uma análise. Nessa direção, surge a pergunta: a operação com o discurso da histórica nos permitiria pensar uma posição em alguma medida *analisante* a ser ocupada na experiência do cartel?

A questão em torno da posição analisante me vem ao considerar que o objeto em lugar de verdade resiste à tentativa de inscrição como produto significativo na mesma medida em que mobiliza a construção de um saber singular. Desse modo, na experiência no cartel parece se estabelecer uma relação com o saber que não

somente o desloca de outros usos – como o da mestria –, como faz com que ele opere diante de uma fundamental rearticulação em relação à verdade: ele não se confunde com ela, nem agencia o discurso em direção a um saber infinito; mantém-na como força-motriz, não-toda.

Um movimento recente experienciado no cartel talvez vá no sentido da demonstração desse giro. Temos visto ultimamente as vinhetas clínicas ganharem centralidade em nossos encontros. Diferentemente de outros espaços, os casos parecem emergir ali, ao meu ver, justamente como efeito dessa outra relação com o saber, demonstrando que não é o acúmulo teórico que nos anima, mas os impasses da clínica – o que constitui a psicanálise desde sua fundação. Se o cartel convoca a responder o que é a psicanálise, não seria nessa direção, da prática, que ele inevitavelmente incidiria? Seria o aparecimento da clínica um índice desse giro discursivo promovido no espaço do cartel?

“Sim, quero a palavra última que também é tão primeira que já se confunde com a parte intangível do real”

Clarice Lispector

Ao iniciar o Seminário 24, Lacan chama a atenção para o título, perguntando: “Vocês souberam ler o cartaz? *L’insu que sait* – isso equivoca, e traduzi, em seguida, *l’Unbewusst*, dizendo que havia... algo de *l’une-bévue*”. *Delineia, assim, o que parece ser a tônica do seminário: os equívocos do significante.*

Equívocos, tropeços, fracassos e deslizamentos da língua não são, no entanto, uma novidade do Seminário 24, Freud já havia destacado esses fenômenos nas formações do inconsciente e o próprio Lacan aborda tais formações no Seminário 5, onde já destacava a “ambiguidade do significante no inconsciente²”. Ainda assim, Lacan inclui o chiste, o ato falho e o sonho como formas de *une-bévue*, propondo-se a ir mais longe que o inconsciente freudiano.

O valor de um-equívoco

Une-bévue sendo a tradução – à la Joyce – de Lacan para o *Unbewusst* freudiano, na minha proposta de tradução do Seminário 24 para o cartel, optei por traduzir *Une-bévue* como *Um-equívoco*. Nesse seminário, como nos outros, Lacan não se priva de fazer jogos de palavras e equívocos, nos convidando: “aproveitemos os equívocos que a língua na qual falamos nos oferece³”.

Não se trata, no entanto, de um mero divertimento com a língua, uma vez que o equívoco parece ser o passo a mais que Lacan dá para além do inconsciente freudiano, um passo com valor teórico e prático. É nessa direção que Bassols sugere “elevar o equívoco à categoria de conceito⁴”.

Esse passo a mais de Lacan nos coloca no rastro da *lalangue*. Segundo La Sagna, “O inconsciente estruturado como uma linguagem quer dizer então que o inconsciente habita *lalangue* (e não somente a linguagem!) e esse habitat o liga ao equívoco próprio à *lalangue*⁵”. Miller, por sua vez, destaca que “*lalangue* se abre ao que encantou Lacan, ou seja, a todos os equívocos⁶”. Também aponta que a palavra “equívoco” tem seu

1 Lispector, C. (2020). *Água viva*. Ed. Rocco, p. 08.

2 Lacan, J. (1999). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Ed. Zahar, p. 26.

3 Lacan, J. *L’insu que sait de l’une bévue s’aile à mourre*. Lição de 11 de janeiro de 1977. In *Ornicar?*

4 Bassols, M. (2021). *L’une-bévue, les d’eux sexes et l’élargues*. *La Cause du Désir*, 109(3), 54-58.

5 La Sagna, P. (2020). *La lalangue et « l’étourdit »*. *La Cause du Désir*, 106(3), 51-54.

6 Miller, J-A. (2014). *El ultimísimo Lacan*. Ed. Paidós, p. 121.

lugar na doutrina da interpretação⁷, pois como Lacan afirma no Seminário 23, “É unicamente pelo equívoco que a interpretação opera. É preciso que haja alguma coisa no significante que ressoe⁸”.

E La Sagna questiona: “O que seriam esses equívocos senão o traço do real da ausência da relação [sexual]?⁹”.

Acabar com o simbólico?

No Seminário 23, Lacan pergunta: “Como saber se o inconsciente é real ou imaginário?... Ele participa de um equívoco entre os dois¹⁰”. O simbólico fica de fora da questão, marcado um passo em direção ao inconsciente real que o distancia do inconsciente transferencial. No Seminário 24, esse passo assume uma forma mais radical e Lacan afirma que “o ideal seria acabar com o simbólico... não dizer nada¹¹”. Como entender isso uma vez que o próprio Lacan afirma, ao discutir a identificação no final da análise, que o inconsciente continua o Outro portador de significantes¹²?

A proposta de Lacan no seu ultimíssimo ensino é inventar um significante novo, chegando a questionar: “Por que é que não inventaríamos um significante novo? Um significante, por exemplo, que não teria, como o real, nenhuma espécie de sentido?¹³”. O efeito desse significante seria produzir um corte no sentido, um esvaziamento, algo que classifica como uma contrapsicanálise, e abriria ao real.

O que seria, então, um significante novo?

Entendo que seria a descoberta, na experiência de uma análise, de que o Outro não existe, mas que *Há-Um*. O litoral onde caminha Um sozinho, sem Outro. Ou, para retomar a citação de Lispector: um significante novo é a palavra última que é tão primeira que se confunde com o intangível do real.

Finalizo então com uma questão provocadora de Lacan: “Como ainda não forçamos as coisas o suficiente para fazer o teste do que isso daria forjar um significante que seria outro?”

7 Idem. P. 169.

8 Lacan (2007). *O Seminário, livro 23: o Sinthoma*. Ed. Zahar, p. 18.

9 Ibidem.

10 Idem, p. 98.

11 Lacan, J. *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Lição de 08 de fevereiro de 1977. In *Ornicar?*

12 Idem. Lição de 16 de novembro de 1976.

13 Idem. Lição de 17 de maio de 1977.

16h às 17h

Mesa 3 – O Feminino e o Último Ensino de Lacan

Começo este trabalho com a frase de Lacan (1972-73/2008) do Seminário 20: “encontro, no parceiro, dos sintomas e dos afetos de tudo que marca em cada um o rastro de seu exílio da relação sexual”.

Partindo da ideia de falasser, que inclui o pulsional, podemos dizer que, na relação com o parceiro, não há harmonização ou complementação. É o que Lacan (1972-73) demonstra ao dizer que “a relação sexual não existe”. É pelo fato da relação sexual não existir, que a relação com o parceiro é sempre sintomática. Desse modo, o encontro com o parceiro inclui como cada um lida com o seu próprio exílio. É nessa direção que surge o parceiro sintoma.

Lacan (1972-73/2008), também no Seminário 20, traz que o amor vem fazer suplência à relação sexual que não existe, de modo que, o amor possibilita uma relação, ainda que sintomática; e apresenta uma diferença entre o gozo e o amor: o gozo não é signo de amor, o gozo não tem reciprocidade, enquanto o amor é sempre recíproco. Miller (2008) esclarece esse dito lacaniano, dizendo: o amor é recíproco porque existe um vai-e-vem, o amor que tenho por ti é feito do retorno da causa do amor que tu esperas de mim.

Seguindo essa perspectiva, Miller (2005) nos diz também que apenas o desejo e amor passa pelo Outro e faz laço, enquanto que, o gozo não tem parceiro, é sempre autoerótico. Essa descontinuidade entre amor e gozo se apresenta nos desvios, impasses e sintomas da vida amorosa.

Embora haja uma disjunção entre o gozo e o campo do Outro, o que nos interessa é a interseção que há nesses campos. Essa é a interseção descrita por Lacan ao situar nessa área o objeto a . O objeto a enquanto aquele que é, ao mesmo tempo, pulsão, em sua condição autoerótica, como também, o que deve ser buscado no Outro (Miller, 2023).

Para Miller (2010), às condições de amor propostas por Freud, se inscrevem no lugar exato onde não há relação sexual. Isto é, já que a relação sexual não existe, as condições de amor, são bússolas, artifícios para se aproximar do que não existe, como nos diz Marcela Antelo (2025) em seu seminário as parcerias sintomáticas: “é uma tentativa de limitar o ilimitado”.

Nesse sentido, a escolha amorosa não se dá ao acaso, mas a partir de determinadas condições, como por exemplo: para amar alguém, é preciso identificar no amado um traço do objeto perdido (Miller, 2010a).

Segundo Julia Solano (2023), pela via do objeto perdido, o amor e o gozo estão sempre articulados na medida em que as coordenadas para o amor são traçadas pelo gozo. Esse exemplo nos mostra o lugar de interseção do objeto a , entre os campos do amor e do gozo.

As condições de amor são a causa inicial de uma parceria, mas para que se estabeleça uma parceria sintomática não basta o encontro entre um homem e uma mulher, é preciso que haja um encontro com o real.

Nessa perspectiva, para Miller (2023), o parceiro é uma instância com a qual o sujeito está ligado de forma essencial, numa instância que lhe causa problemas e que é enigmática, tendo status de sintoma. Desse modo, o parceiro-sintoma, nem é o Outro, nem é o outro, o parceiro sintoma tem haver com algo dele próprio: seu narcisismo, seu objeto a, seu mais de gozar, seu sintoma.

O sintoma pode ser definido pelo modo como cada um goza de seu inconsciente (Naveau, 2017). Assim, o parceiro-sintoma se inclui no sintoma do próprio falasser, fazendo parceria com esse gozo. Trata-se, portanto, de uma parceria sintomática, um laço permeado pelo sintoma, pelo gozo e pelo amor.

Sigo, ainda, me apropriando da questão do cartel: de que trata o conceito de parceiro-sintoma?

Referências Bibliográficas:

- Antelo, M. (2025). Seminário: parcerias sintomáticas, em 12.09.2025.
- Lacan, J. (2008). O Seminário 20 – Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1972-73)
- Miller, J.-A. (2005), A invenção do parceiro.
- Miller, J. A. (2008). Uma partilha sexual. *Opção Lacaniana online nova série*, 7(20), 1-40.
- Miller, J.-A. (2010), Minha Garota e eu. *Opção Lacaniana on-line nova série*, São Paulo, ano I, jul. 2010. link de acesso: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Minha_garota_e_eu.pdf
- Miller, J.-A. (2010a) Uma conversa sobre o amor. *Opção Lacaniana on-line nova série*, São Paulo, jul. 2010. Link de acesso: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Uma_conversa_sobre_o_amor.pdf
- Miller, J.-A. (2023), A teoria do parceiro, *Pharmakondigital*, maio de 2023, vol.4 link de acesso: <https://pharmakondigital.com/a-teoria-do-parceiro/>
- Naveau, P. O que do encontro se escreve. Belo Horizonte: EBP Editora; 2017.
- Solano, J. (2023). Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo. Link de acesso: <https://ebpbahia.com.br/jornadas/2023/so-o-amor-permite-ao-gozo-condescender-ao-desejo/>

A psicanálise desvincula gênero, anatomia e modalidades de gozo. Porém, observa-se mais frequentemente a desmedida do amor das mulheres em suas parcerias amorosas, uma dedicação sem limites, que pode retornar como devastação, ou impasses na maternidade, seja pela impossibilidade de ocupar esse lugar ou pela devoção excessiva. Surge então a questão: haveria maior incidência da devastação nas mulheres em razão da relação mãe-filha? Existiria especificidade do desejo materno em relação à menina?

A vinheta de Eva ilustra a questão. Mulher madura, buscou análise após anos de tentativas frustradas de engravidar, inclusive com reprodução assistida. Sem impedimentos clínicos, nem de sua parte nem de seu marido, manteve a vida suspensa, subordinada à espera da maternidade. O que a fazia não consentir em ser mãe? Filha de mãe paranóica e agressiva que a insultava e a acusava, Eva cresceu assujeitada aos caprichos maternos, fixando-se na posição de quem sempre está errada, padrão repetido com o marido e colegas, onde se colocava como objeto rebaixado.

Freud fala em catástrofe e Lacan em devastação para designar a dificuldade da filha em separar-se da mãe. Para Freud, a simbolização da falta ocorre quando, ao sentir-se privada de atributos fálicos, a menina rejeita a mãe e desloca o amor para o pai, abrindo caminho para seu destino como mulher. Lacan, considera os limites dessa abordagem para pensar a feminilidade e introduz no Seminário *Mais, ainda*¹ as fórmulas da sexualização como balizas para pensar a maneira possível de cada um se alojar no sexo, desconectado de gênero. Ele diferencia radicalmente gozo fálico e gozo feminino: o primeiro é simbolizado, limitado pela castração, situado fora do corpo pela linguagem; o segundo é ilimitado, sem nome ou lei, ligado ao corpo mas sem localização precisa.

Para entender a especificidade do feminino, recorro a Bassols² que o distingue do gozo feminino. Situa-o em um **espaço entre** o gozo fálico, como centro, e o Outro gozo, como ausência. Propõe essa concepção a partir da noção de letra como litoral referida por Lacan em "Lituraterra". A letra remete a uma borda aberta, sem limites precisos nem fronteira definida, distinta da lógica binária: um espaço onde interior e exterior se borram numa zona de interface. O feminino, assim, é alteridade irreduzível para homens e mulheres, situado do lado do não-todo na lógica da sexualização. Já a borda definida pelo significante fálico obedece a outra ordem: separa de modo claro dois espaços mutuamente fechados, interior e exterior, delimitados pela barreira do gozo simbolizado.

1 LACAN, J. 1901-1981. *O seminário, livro 20: mais ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

2 BASSOLS, M. *O feminino, entre centro e ausência*. Opção Lacaniana online nova série Ano 8, Nº 23, julho 2017.

Freud via na maternidade uma saída para a feminilidade. Lacan distingue mulher, como sujeito, e mãe, como função. Em *Aturdito* (1973) ³, desloca a questão da relação mãe-filha para a mãe em sua dimensão de mulher, de quem a filha espera encontrar algo mais consistente. Por isso, uma condição para a orientação da filha em direção ao pai depende da relação da mãe com sua própria satisfação ou insatisfação como mulher⁴. Assim, Lacan irá distinguir o gozo da mãe como toda (o fálico) e o gozo da mulher presente na mãe. Nesse espaço entre o centro simbolizado pelo falo e a ausência, própria do gozo feminino, o feminino se apresenta como o que faz com que uma **mulher seja não-toda**, ou seja, dividida entre mãe e mulher⁵.

A economia do desejo e do gozo pode obturar a divisão entre mãe e mulher. De um lado, a maternidade pode se tornar saída exclusiva, com perda do erotismo; de outro, o gozo feminino pode avançar no ilimitado, não abrindo espaço para o filho, deixando-o cair, como fez Medeia. Esse parece ser o caso de Eva, submetida ao ilimitado, aos imperativos dos ditos maternos, que a relegaram à posição de objeto-dejeto. A intervenção da analista separando os equívocos da mãe da fantasia de estar sempre errada, fez vacilar o que parecia ser um destino. Hoje, Eva caminha para adotar um filho e tem avançado na vida profissional.

O que difere, então, o ilimitado do desejo materno na relação com a filha em comparação ao filho? Dominique Laurent⁶ diz que o limite fálico no homem não o coloca diante do ilimitado como acontece com a mulher. Para Lacan, observa a autora, a relação da mulher com a pulsão de morte decorre da loucura própria ao feminino, que permite ultrapassar limites nos quais o homem se detém em razão de suas angústias de proprietário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCUAZ, C. y NERVI, A. Amor materno . in: Incidencias de lo femenino em la clínica com niños y adolescentes. Olivos:Grama Ediciones, 2024.
- BASSOLS, M. *O feminino, entre centro e ausência*. Opção Lacaniana online nova série Ano 8, Nº 23, julho 2017.
- DRUMMOND, C. *Devastação*. Opção lacaniana online, ano 2, número 6, nov 2011.
- LACAN, J. (1901-1981). *Aturdito*. In : Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pg 465.
- LACAN, J. 1901-1981. *O seminário, livro 20: mais ainda*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LAURENT, D. *Pulsão de morte no feminino*. Publicado no site do Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, 2020.

3 LACAN, J. (1901-1981). *Aturdito*. In : Outros escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pg 465.

4 DRUMMOND, C. *Devastação*. Opção lacaniana online, ano 2, número 6, nov 2011.

5 ALCUAZ, C. y NERVI, A. *Amor materno* . in: Incidencias de lo femenino em la clínica com niños y adolescentes. Olivos:Grama Ediciones, 2024.

6 LAURENT, D. *Pulsão de morte no feminino*. Publicado no site do Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, 2020.

A identificação: semblante para o real¹

Margarida Elia Assad

A identificação é uma forma de nominação ao eu, um predicado : sou um apaixonado, diz um Analisante, sou um obcecado pelos detalhes, diz outro, sou uma amante, diz outra. Enfim a clínica se desenvolve sobre tais identificações. Com tais nomeações se tapam os buracos feitos pelo o impossível da não-relação sexual, que como um trauma nos deixa desabitados de uma significação, pois o nome próprio não dá conta de tamponar esse furo. Lacan nos diz que *a identificação se cristaliza numa identidade*.² O que fazer se tais nomeações não trazem a satisfação da pulsão, mesmo satisfazendo ao sintoma? O que Freud desde cedo nomeou de solução de compromisso. É o desafio que enfrenta o analista em cada tratamento que conduz.

Essa solução de compromisso é o que faz consistir a existência. Lacan na primeira lição do Seminário 24 aborda a temática das identificações, nomeada por Miller *Ensaio de uma topologia da identificação*. Lacan nos diz : “*percebi que consistir queria dizer que era preciso falar de corpo, que há um corpo do imaginário, um corpo do simbólico – que é lalangue – e um corpo do real, do qual não sabemos como ele surge.*”³

Em RSI Lacan parte das três identificações colocadas por Freud: a identificação histórica, a identificação amorosa ao pai, e a identificação neutra, ou seja a qualquer significante, e as articula ao real, ao simbólico e ao imaginário. Lacan supõe um tipo de nó particular, fazendo consistir um corpo. Na lição de 18/3/1975⁴ ele faz sua proposição às três identificações freudianas, a partir de um Outro real. Ele propõe então : “*Esse Outro Real, identifiquem-no com seu Imaginário terão a identificação histórica. Identifiquem -se com o Simbólico do Outro Real, terão essa identificação que especifiquei como *Eiziger Zug*, como traço unário. Identifiquem se com o Real do Outro Real, obterão o que identifiquei como Nome do Pai, e é onde Freud designa o que a identificação tem a ver com o amor.*”

O que seria o Outro Real? Nada semelhante ao Outro do Outro, que seria o Outro do Simbólico, mas um Outro do Real nos leva a supor um momento anterior à identificação, seriam unidades *preidentitárias*, usando a expressão de Miller no Curso do Ultimíssimo Lacan.⁵ (p 255,).

Vemos que a intenção de Lacan é aproximar tais identificações da sua leitura do nó borromeano como uma demonstração de que aquilo que o enoda, resulta da não- relação sexual que esburaca o nó, produzindo, no mesmo momento uma nominação múltipla, a depender da forma como o corpo experimenta esse nó. No exemplo dado por Freud das meninas que choram junto à amiga que perdeu seu namorado, vemos um enlaçamento imaginário que produz uma identificação. No caso da identificação neutra a um traço unário, por exemplo, como ao bigodinho de Hitler, já não podemos consentir com a interpretação freudiana. Se para

1 Texto elaborado a partir do cartel sobre seminário 24. Cartelizantes: Maria de Lourdes A Vilar, Vânia Ferreira, Wilson Lima, Margarida Assad e Elisa Alvarenga, como mais-um

2 Lacan, J. O Seminário, Livro 24. Inédito. Aula 16-11-1976

3 Id, ibidem

4 Lacan, J. O Seminário, Livro 22. Aula de 18/03/1976

5 Miller, J.A., Curso : El ultimíssimo Lacan. Paidós. P255

Freud havia um traço ideal que serviria de traço de identificação unindo o grupo, o que vemos hoje é que os grupos são corpos marcados por uma identificação a uma fantasia dando acesso a experiência de gozo. É o que fez Laurent dizer que : A identificação, mecanismo político por excelência , pode ser relida partir do acontecimento de corpo.” P 212.

Reler a identificação com o acontecimento de corpo, é colocar o estatuto da identificação como semelhante ao da fantasia. Tanto uma como a outra procuram apreender o sujeito em sua perda constitutiva. Uma produzindo um sujeito dividido pelo significante e a outra enlaçando sua divisão a um objeto representante da satisfação perdida no corpo. Desta forma podemos pensar que o grupo existente na época freudiana não é o coletivo de hoje. Quem comanda o grupo não é mais um significante, mas uma forma de gozar. Portanto as identificações se fazem sem passar pelo Outro e atingem diretamente o real. Questão que merece um novo tratamento que não caberia agora.

Restaria ainda, embora sem fechar a questão das identificações, pensar o estatuto da identificação feita ao sinthoma, tal como proposto por Lacan ao final de uma análise. Não seria incongruente usarmos o termo identificação para um final de análise? Ou podemos supor que não há sujeito sem identificação? Penso que, como propôs Lacan em RSI, citado acima , Identificar-se com o real do Outro seria a identificação que Freud aponta em direção ao amor. Seria essa a identificação possível como resultado da travessia da fantasia? Como não há sujeito sem identificação, a solução de uma análise seria pela via de uma identificação sem sentido, sem S2, semelhante ao que Lacan nomeou de poesia, uma identificação a uma significação vazia. Travessia que se acompanha de “uma espécie de operação topológica de subtração do imaginário.”⁶

Talvez seja por intermédio dos relatos de passe que possamos extrair o que aprender como as identificações podem subtrair o imaginário presente nelas e qual seu destino. Escutamos de Carolina Koretzky em seu testemunho de final de análise que seu sintoma de devorar palavras para viver que tornava o silêncio do outro insuportável, encontrou em um sonho de final de análise uma saída. Ela relata seu sonho: *“Eu como abundantemente um prato de feijão verde. Uma vez terminado sinto algo preso na minha garganta. Coloco minha mão na minha boca e começo a puxar. Percebo que esqueci de tirar os fios do feijão. Aliás todos estão unidos por um mesmo fio. Eu puxo até colocar no prato até colocar no prato uma massa esverdeada cheia de fios. Eu arranco, eu extraio . O significante feijão. ...”* Ela esclarece que feijão verde em espanhol é chamado de *chuchas*, que tem o som de tchau que significa adeus. Bem o analista reduzido à massa verde .

Lacan no seminário 24 nos fala de uma dissimetria simbólica ao comparar a dissimetria do corpo, entre o interior e o exterior, a uma dissimetria simbólica, entre significante e significado.⁷

O que essa leitura me esclarece sobre a identificação final é que uma transformação simbólica se opera pelo efeito da experiência de uma análise permitindo que da dissimetria entre significante e significado surja uma criação inédita. Tal transformação abriu caminho para um outro sonho de Carolina onde muitos dentes surgem em sua boca, ela corda e se diz: *“eu sou isso: um tubarão que devorava palavras”*. Essa nomeação aos moldes de uma identificação , nomeia seu ser de gozo, que suportado pelo desejo do analista lhe permite desinvestir tal significante, abrindo-se a uma nova escuta analítica. São pérolas de finais de análise que demonstram que um significante pode ser vazio de significado, porque não se dirigem a um saber no Outro, mas operam pelo efeito de um novo laço sustentado por um *saber-fazer.-aí*, diferente do *saber se virar com*. Como suspeitava Freud , essa identificação tem a ver com o amor. É mesmo Lacan que irá nos dizer que o amor não é nada mais que uma significação vazia.⁸

6 Laurent, E. O Averso da Biopolítica. Uma escrita para o gozo. Opção Lacaniana 13. P 194

7 Lacan, ibidem . Aula de 21/12/1976

8 Ibidem , Aula de 15/3/1977

PROGRAMA

9h às 9h 30 – Recepção dos participantes

9h 30 às 10h – Conferência de abertura

- Convidado: Bernardo Carneiro (EBP/AMP) Atual Diretor de Cartéis da Seção Minas
Coordena: Karynna Nóbrega (Diretora de cartéis e intercâmbio da Seção Nordeste)

10h às 11h – Mesa 1 – O Cartel e a Formação do Analista

Coordena: Erick Leonardo Pereira

Cartelizantes:

- Ana Stela Sande – Uma experiência de cartel na Escola
- Marcela Baccarini – A formação do analista: entre o cartel e a Escola
- Aline Fonseca – O buraco no saber, uma brecha...
- Liège Uchôa – A Experiência em Cartel: um esforço de poesia

11h às 12h – Mesa 2 – O Saber no Discurso Analítico

Coordena: Cleide Pereira

Cartelizantes:

- Luísa Fromer – Até aqui
- Marina Fragoso – O não-saber, o analítico, a causa analítica: o que nos relança ao divã
- Karynna Nóbrega – Escrever: um modo de usar alíngua?
- Ana Aparecida Rocha – Falar sobre transferência ajuda a sair do inferno?

12h às 12h 40 – Mesa 3 – Arte, Cultura e Psicanálise

Coordena: Marina Fragoso

Cartelizantes:

- José Ronaldo de Paulo – “Eu quero ser o que você viu em mim”
- A. Júlio Garcia Freire – Don Juan entre o gozo, o desejo e o amor
- Ana Paula Oliveira – O neologismo lacaniano condanção, o corpo e a dança

14h às 15h – Mesa 1 – A Psicose e os Novos Arranjos

Coordena: Elizabete Siqueira

Cartelizantes:

- Samuel Freitas – Uma estabilização nem tão boa assim
- Paulo Medeiros – μm n04 €scr{T
- Sarah Ruth Ferreira Fernandes – Psicose ordinária: Uma contribuição para uma clínica continuísta
- Ísis Maurício – Entre Nós e Enlaces: Tessituras sobre a Psicose Ordinária

15h às 16h – Mesa 2 – Saber Fazer com o Real

Coordena: Anna Luzia de Oliveira

Cartelizantes:

- Luma Oliveira – Primeiro ato, último efeito
- Pauleska Asevedo Nóbrega – Quem testemunha um final?
- Ana Paula Menezes – O cartel entre discursos: qual o saber em questão?
- Wilson Lima – Um-equívoco novo, um significante novo

16h às 17h – Mesa 3 – O Feminino e o Último Ensino de Lacan

Coordena: José Augusto Rocha

Cartelizantes:

- Juliana de Castro Teixeira – O parceiro sintoma na psicanálise
- Sílvia Gusmão – Devastação na relação mãe-filha
- Margarida Elia Assad – A identificação: semblante para o real
- Vânia Ferreira – Para além do Inconsciente Freudiano

17h – Encerramento:

Com a palavra a Diretoria (Margarida Assad – Diretora da Seção Nordeste)

PROGRAMA

9h às 9h 30 – Recepção dos participantes

9h 30 às 10h – Conferência de abertura

- Convidado: Bernardo Carneiro (EBP/AMP) Atual Diretor de Cartéis da Seção Minas
Coordena: Karynna Nóbrega (Diretora de cartéis e intercâmbio da Seção Nordeste)

10h às 11h – Mesa 1 – O Cartel e a Formação do Analista

Coordena: Erick Leonardo Pereira

Cartelizantes:

- Ana Stela Sande – Uma experiência de cartel na Escola
- Marcela Baccarini – A formação do analista: entre o cartel e a Escola
- Aline Fonseca – O buraco no saber, uma brecha...
- Liège Uchôa – A Experiência em Cartel: um esforço de poesia

11h às 12h – Mesa 2 – O Saber no Discurso Analítico

Coordena: Cleide Pereira

Cartelizantes:

- Luísa Fromer – Até aqui
- Marina Fragoso – O não-saber, o analítico, a causa analítica: o que nos relança ao divã
- Karynna Nóbrega – Escrever: um modo de usar alíngua?
- Ana Aparecida Rocha – Falar sobre transferência ajuda a sair do inferno?

12h às 12h 40 – Mesa 3 – Arte, Cultura e Psicanálise

Coordena: Marina Fragoso

Cartelizantes:

- José Ronaldo de Paulo – “Eu quero ser o que você viu em mim”
- A. Júlio Garcia Freire – Don Juan entre o gozo, o desejo e o amor
- Ana Paula Oliveira – O neologismo lacaniano condanção, o corpo e a dança

14h às 15h – Mesa 1 – A Psicose e os Novos Arranjos

Coordena: Elizabete Siqueira

Cartelizantes:

- Samuel Freitas – Uma estabilização nem tão boa assim
- Paulo Medeiros – μm n04 €scr}T
- Sarah Ruth Ferreira Fernandes – Psicose ordinária: Uma contribuição para uma clínica continuísta
- Ísis Maurício – Entre Nós e Enlaces: Tessituras sobre a Psicose Ordinária

15h às 16h – Mesa 2 – Saber Fazer com o Real

Coordena: Anna Luzia de Oliveira

Cartelizantes:

- Luma Oliveira – Primeiro ato, último efeito
- Pauleska Asevedo Nóbrega – Quem testemunha um final?
- Ana Paula Menezes – O cartel entre discursos: qual o saber em questão?
- Wilson Lima – Um-equívoco novo, um significante novo

16h às 17h – Mesa 3 – O Feminino e o Último Ensino de Lacan

Coordena: José Augusto Rocha

Cartelizantes:

- Juliana de Castro Teixeira – O parceiro sintoma na psicanálise
- Sílvia Gusmão – Devastação na relação mãe-filha
- Margarida Elia Assad – A identificação: semblante para o real
- Vânia Ferreira – Para além do Inconsciente Freudiano

17h – Encerramento:

Com a palavra a Diretoria (Margarida Assad – Diretora da Seção Nordeste)